

# *A Internacional*

Revista do Comité de Organização pela Reconstituição da Quarta Internacional (CORQI)

## MANIFESTO DE ALARME

e a discussão da 3ª conferência

internacional do CORQI (8-9-10 de Novembro de 2020)



200º ANIVERSÁRIO  
do nascimento  
de Friedrich Engels  
(1820-1895)

A luta por um  
"partido autónomo"  
do proletariado



## Índice

---

**Notas editoriais** página 3

---

**3ª CONFERÊNCIA DO CORQI  
8, 9 e 10 de Novembro de 2020**

---

**Excertos do relatório** página 5

---

**Alguns elementos da discussão da conferência internacional** página 14

---

**Manifesto de Alarme do Comité de Organização pela Reconstituição  
da IVª Internacional (CORQI)** página 18

---

## HISTÓRIA

---

**200º aniversário do nascimento de Friedrich Engels (1820-1895)  
A luta por um “partido autónomo” do proletariado,  
pelo “partido de classe consciente de si”** página 33

---

## ***A Internacional***

Revista do Comité de Organização pela Reconstituição  
da IVª Internacional (CORQI)

Director de publicação: Daniel Gluckstein

Editor: Réveil ouvrier

67, avenue Faidherbe, 93100 Montreuil (França)

Tiragem: 3 000 exemplaires

CPPAP : 0623 G 93127

## Aviso

---

*A Internacional* é a revista teórica e de informação política do CORQI (Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional). Aspira a ser um espaço de debate livre no quadro do que são os princípios próprios da IVª Internacional.

---

Os artigos assinados publicados nesta revista reflectem a opinião dos seus autores. Não vinculam necessariamente a redacção da revista.

---

**Q**UATRO PAÍSES, quatro continentes, quatro acontecimentos ocorridos neste mês de Novembro de 2020.

No Peru, depois de destituído o presidente Vizcarra no dia 9 de Novembro, um movimento poderoso de centenas de milhares de jovens e trabalhadores irrompeu nas ruas, contestando as velhas instituições podres, corrompidas e subordinadas ao imperialismo e reivindicando “uma nova Constituição”.

Na Índia, no dia 26 de Novembro, nada menos do que 250 milhões de trabalhadores entraram em greve, respondendo ao apelo das principais centrais sindicais, por uma plataforma de medidas de urgência e de salvaguarda do povo trabalhador<sup>1</sup>, recusando as leis discriminatórias e a divisão entre hindus e muçulmanos e operando a junção com a “marcha sobre Delhi” das organizações camponesas.

Na Etiópia, o governo federal mandou o exército cometer massacres na região de Tigré, na continuidade de trinta anos de guerras, massacres e “etnicização” da vida política e institucional, sob a égide das grandes potências imperialistas.

Em França, no dia 28 de Novembro, 500.000 trabalhadores e jovens prorromperam em todo o país ao apelo de numerosas organizações políticas e sindicais pela retirada da “Lei de Segurança Global”, atentado do governo Macron contra a liberdade de imprensa. Foi um surto de centenas de milhares contra um aspecto específico da política de Macron, alimentado há meses da revolta que amadurece contra toda a política do governo.

Haverá uma relação entre estes quatro acontecimentos, que parecem tão diferentes uns dos outros e até, alguns deles, contraditórios?

Massacres na Etiópia, sorte horrível infligida aos trabalhadores e camponeses da Índia por um governo capitalista que, como todos os outros, se aproveita da pandemia para desferir golpes duríssimos, negação da soberania da nação no Peru, exacerbação do carácter antidemocrático e anti-operário da Vª República em França sob a batuta de Macron... não há, entre estes quatro acontecimentos, um primeiro ponto comum? A saber, que cada uma das situações descritas advém do beco sem saída em que o sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção encurrala a humanidade.

Beco sem saída manifesto na barbárie que estala na Etiópia<sup>2</sup> (e, noutros moldes, noutras partes do mundo), mas, do mesmo passo, resistência das classes operárias, da juventude e dos povos oprimidos, erguendo-se contra a barbárie.

Pois “a terrível destruição e devastação que os governos impõem a pretexto da pandemia só consegue alimentar o vento de revolta contra os governos em exercício”, como salienta o *Manifesto de Alarme* aprovado pela terceira

Conferência Internacional do Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI) — reunida nos dias 8, 9 e 10 de Novembro—que neste número d’*A Internacional* publicamos.

Reflecte-o a autêntica insurreição de 250 milhões de proletários na Índia, ao apelo das suas organizações sindicais, realizando a junção com o campesinato oprimido.

Em França e no Peru, poder-se-ia, contudo, objectar: não é directamente por reivindicações operárias que se dão as mobilizações dessas centenas de milhar! Sim, a chispa que aí pegou fogo veio de reivindicações democráticas.

Mas, como lembra o *Manifesto de Alarme*, em toda a parte “os trabalhadores defrontam-se com medidas antidemocráticas contra a liberdade de expressão e de organização, que os governos adoptam a pretexto da pandemia”. No Peru e em França (tal como, em meses anteriores, em Barcelona, Argel, Beirute, Santiago do Chile, Minsk ou Banguécoque... e até, em certa medida, nos Estados Unidos, onde houve manifestações de milhões contra o racismo institucional), “são milhões que assim exprimem a sua exigência de correr com os regimes estabelecidos e romper com as instituições existentes. Muitos destes processos realçam a plena actualidade da teoria marxista da revolução permanente: a mínima reivindicação democrática, a mínima reivindicação a favor da soberania nacional dos povos oprimidos colide com o imperialismo em apodrecimento, fazendo da classe operária a única força social capaz de encabeçar a luta pela democracia e pela soberania, ligando estas tarefas às da luta pelo socialismo.”

Com efeito, estejam em causa reivindicações directamente ligadas à sobrevivência — assim na Índia — ou reivindicações democráticas, a classe operária é a única força social capaz de arrastar todas as camadas oprimidas da nação (tanto nos países dominados como nos países imperialistas) para esconjurar a catástrofe iminente.

Fica assim enunciada — e é outro ponto comum a todos estes processos — a questão da independência política da classe operária, da necessidade urgente de superar a crise da sua direcção e varrer os obstáculos levantados pelos dirigentes das velhas organizações operárias, que uniram o seu destino ao do regime capitalista em decomposição.

Em França, como em todos os países imperialistas, será exagero dizer que o governo Macron, agora em crise aberta, só se “aguenta” graças ao consenso que lhe oferecem os aparelhos dirigentes dos partidos de “esquerda”, quando votam como um só homem, no parlamento, no passado dia 19 de Março, a primeira fatia do seu plano de salvação da banca e do patronato (que hoje já monta a 560 mil milhões de euros)?



## ● NOTAS EDITORIAIS

Conseguirão eles salvar Macron e o seu regime, quando são cada vez mais os trabalhadores e jovens que aspiram a pô-lo na rua? Enquanto escrevemos estas notas editoriais, vão-se urdindo, na cúpula dos aparelhos, manobras para tentar desvirtuar o movimento que visa impor um primeiro recuo a Macron e fazê-lo retirar a sua lei antidemocrática.

Conforme rezava o editorial de *La Tribune des travailleurs* (nº 267, 2 de Dezembro de 2020): “Pela sua parte, o Partido Operário Independente Democrático (em que militam os membros da secção francesa da IVª Internacional - NdR) disse, reflectindo-o nos cartazes e bandeirolas nas manifestações, que nós consideramos que o que é urgente é pôr Macron na rua já, convocar a Assembleia Constituinte soberana, liquidar a Vª República e abrir finalmente caminho a um governo da maioria, de defesa do povo trabalhador e da juventude. É perfeitamente possível concordar ou não com esta posição. Mas há que dizer claramente que o primeiro passo para seguir nessa direcção, pelo menos o primeiro passo na via da ruptura, é impor que a lei de “segurança global” seja retirada imediatamente, já. Incondicional e unitariamente. O primeiro passo de uma mudança de envergadura que toda a situação põe na ordem do dia.”

No Peru, o formidável movimento da juventude e dos trabalhadores obrigou a direcção da CGTP — que é a principal organização operária do país — a avançar, logo no dia 10 de Novembro, a exigência de “convocação de uma assembleia constituinte soberana”. Não que isso apague o pronunciamento da mesma direcção (oriunda do estalinismo), do mesmo passo, por um “pacto social” — sinónimo, em todas as latitudes, de aceitação dos planos capitalistas. Não obstante, o poderoso movimento surgido no dia 10 de Novembro, contraditório com “pactos sociais”, põe precisamente na ordem do dia a necessidade de varrer as velhas instituições corrompidas e inteiramente subordinadas ao FMI e à embaixada americana e, em consequência, de as organizações operárias e camponesas convocarem de imediato a Assembleia Constituinte soberana e de um governo da CGTP com as organizações operárias que adopte as medidas de ruptura com o imperialismo de que depende a sobrevivência da nação.

No Peru, como na Índia e em toda a parte, os trabalhadores não renunciaram, com efeito, a “usar tais instrumentos, historicamente nascidos da sua luta de classes, para defender os seus interesses” (*Manifesto de Alarme*), a começar pelas organizações sindicais, que, pela nossa parte, não confundimos com os aparelhos que as dirigem. O histórico poderio da greve geral de 26 de Novembro na Índia mostra que a “união sagrada na prática” que os dirigentes do movimento operário selaram com os principais governos capitalistas nada tem de inevitável. Com certeza que um dia de greve não chegará

para derrotar os governos capitalistas. Não será, todavia, a plataforma de medidas de urgência avançada pelos 250 milhões de grevistas um princípio de resposta — nas condições específicas da Índia — à pergunta feita no *Manifesto de Alarme*: “Que medidas à altura da situação, tomaria, pois, um governo preocupado em proteger a saúde da imensa maioria?”.

Com efeito, “em todos os países, é preciso avançar com a questão da luta por um governo dos trabalhadores das cidades e dos campos, perante a falência de todos os governos em exercício, impotentes para conter a pandemia, sejam eles governos capitalistas “clássicos” ou governos com participação, ou mesmo maioria, de velhos partidos com origem no movimento operário.”

Esta questão põe-se em todas as latitudes, em todos os países, e prende-se com a necessidade do instrumento indispensável à classe operária para se desincumbir desta tarefa: a construção do partido revolucionário. Tal é o objectivo que o Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI) e cada uma das organizações nele filiadas nos vários países se propõem.

O *Manifesto de Alarme*, que se publica no presente número, é posto à reflexão das “trabalhadoras e trabalhadores, jovens e militantes operários do mundo inteiro e a todos os que aspiram a acabar com a exploração capitalista”, a todos os que procuram o caminho da construção do indispensável partido operário e da Internacional.

**3 de Dezembro de 2020**

(1) Mencionem-se, nomeadamente: revogação de leis atentatórias ao Código do Trabalho e de leis anti-camponeses; anulação das dívidas dos pequenos camponeses; pagamento anual a todas as famílias de um subsídio de subsistência de 7.500 rupias livre de impostos; atribuição gratuita de 10 kg de cereais por mês e pessoa necessitada; paragem imediata das privatizações; titularização dos trabalhadores com contratos precários; a trabalho igual, salário igual; extensão do programa de grandes obras MNREGA, garantindo 200 dias de trabalho anuais aos mais pobres, a 600 rupias a jornada; construção de um hospital de qualidade em cada distrito... E, ainda, recusa da divisão de base religiosa, integrando a plataforma a reivindicação democrática de revogação das leis discriminatórias antimuçulmanas do governo Modi.

(2) Quem há-de, na verdade, acreditar que a indulgência de que o regime etíope beneficia da parte das grandes potências não tenha nada que ver com a Etiópia se ter tornado no “novo eldorado” das multinacionais do têxtil. Onde o operário etíope, pago a 23 dólares por mês, representa a mão-de-obra mais barata do mundo no sector têxtil.

## Excertos do relatório apresentado à 3ª conferência internacional do CORQI no dia 8 de Novembro de 2020

Caros camaradas,

**Q**UE SIGNIFICADO reveste esta terceira conferência do CORQI? Na contribuição que apresentei no boletim interno, pus a questão do colectivo de animação a sair desta conferência, um colectivo que funcione efectivamente como organismo internacional. Todos os camaradas que se exprimiram nos boletins internos concordaram que ele era necessário.

A constituição de tal organismo internacional não será, no entanto, uma “solução miraculosa”. Temos de perceber que há uma relação dialéctica entre a nossa capacidade de criar um centro de animação internacional do CORQI e a nossa capacidade de, em cada país, avançar na constituição de secções da IVª Internacional. Secções capazes de dispor de expressão própria e, logo, de um órgão de imprensa, capazes de definir e executar uma orientação de construção do partido (tanto no ponto de vista do reforço directo da IVª Internacional como no de uma orientação de transição na construção do partido) e capazes de fazê-lo na e pela intervenção política na luta de classes.

Condição para haver tal acordo sobre as conclusões em matéria de organização é, naturalmente, que partilhemos a mesma avaliação da situação mundial, das tendências da luta de classes e dos processos que lavram no movimento operário. Passo, pois, a explicar melhor a natureza e os objectivos do projecto de manifesto apresentado a esta conferência.

Estamos de acordo em dizer que nos encontramos perante uma situação mundial totalmente inédita



Em Gohana (Índia), dia 26 de Novembro, dia de greve geral de 250 milhões de trabalhadores.

no ponto de vista da luta entre as classes sociais? Tradicionalmente, os marxistas distinguem entre fases em que a classe operária está na ofensiva e fases em que ela recua. Estamos de acordo em considerar que o momento actual da situação mundial se caracteriza, de maneira inédita, por uma combinação dos dois processos, apesar de contraditórios: ofensiva destrutiva contra a classe operária e ofensiva da classe operária em resistência a essa ofensiva?

O camarada Lambert gostava de citar o dito do grande poeta alemão Goethe: “Cinzentas, caro amigo, são todas as teorias, e verde a árvore dourada da vida”. Chegou agora, ou nunca, o momento em que temos, parece-me, de nos socorrer de Goethe, pois temos de analisar o momento actual com os instrumentos do marxismo, levando em conta os factos tal como são, tal como no-los mostram os dois processos, ao combinarem-se.

A comparação que mais se faz para a situação actual é com 1929. Lê-se muito na imprensa americana que a crise constitui a “outra grande depressão” depois da de 1929 e, sem dúvida, mais devastadora do que a de 1929, o que é verdade. Ramos de indústria inteiros estão prestes a desaparecer à escala mundial, economias nacionais inteiras estão prestes a ser varridas do mapa. O projecto de manifesto cita este número incrível: 50% da força de trabalho dos Estados Unidos foram reduzidos ao desemprego durante o segundo trimestre de 2020. A taxa de desemprego é ainda hoje de 25%. Os números oficiais, que pecam indubitavelmente por defeito, dizem que, durante o segundo trimestre, se perdeu o equivalente a 400 milhões de empregos a tempo inteiro à escala internacional e que, desde o mês de Março, 1.600 milhões de trabalhadores do “sector informal” sofreram o impacto da crise. Números,

>>>

### ● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

>>> sem dúvida, abaixo da realidade.

No ponto de vista da economia capitalista, a crise de 1929 encontrou “solução” na segunda guerra imperialista. A entrada do imperialismo americano na guerra mundial deu-lhe a possibilidade de reconstituir as suas capacidades de produção na base da destruição massiva das forças produtivas na guerra imperialista e graças ao vertiginoso surto da economia do armamento (forças destrutivas). Ele logrou igualmente reforçar a sua posição dominante relativamente aos outros imperialismos. Ao sair da guerra, viu-se na contingência, relacionada com a vaga revolucionária e o lugar ocupado pelo proletariado soviético na vitória contra o nazismo, de negociar com a burocracia estalinista os acordos de Ialta e de Potsdam.

A que cataclísmica profundidade irá o imperialismo encontrar “solução” para a crise de 2020-21, que ninguém sabe até onde chegará? Uma pergunta a que ninguém pode responder a não ser com a alternativa geral, mais actual do que nunca: socialismo ou barbárie.

Uma coisa é certa: o sistema capitalista é, por si só, incapaz de desimpedir o caminho a uma fase de verdadeira recuperação, no sentido de crescimento e surto económico. Este é um dos aspectos da situação, cuja marca é uma ofensiva sem precedentes contra as classes operárias. No entanto, tradicionalmente, este tipo de crises provoca efeitos diferidos. Por exemplo, a crise de 1929 teve o efeito diferido da chegada de Hitler ao poder, fruto da traição dos aparelhos e, designadamente, do aparelho estalinista. Só que a própria chegada de Hitler ao poder suscitou uma reacção nos proletariados europeus, dando azo, em 1936, ao surto da revolução proletária em França, em Espanha e, por seu turno, à traição destes processos revolucionários, designadamente pelas políticas de frente popular, que acabaram na derrota do proletariado, que se concentrou no deflagrar da segunda guerra mundial. No entanto, ao cabo de



A frente *Labor Action To Defend Democracy*, 4 de Novembro, Oregon (Estados Unidos)

poucos anos, com a viragem de Stalinegrado, em 1943-44, assistiu-se de novo ao surto de processos revolucionários.

Foram, por conseguinte, momentos de refluxo, seguidos de reatamentos da ofensiva, que ficaram a caracterizar todo este período. E hoje? No processo que lhe é movido, o sindicalista chinês de Hong Kong Leo Tang declarou. “*Nas manifestações que temos conhecido, travámos conhecimento com os nossos irmãos e irmãs, mas fazemos parte de uma vasta vaga de resistência planetária*” (publicámos a declaração dele, em França, em *La Tribune des travailleurs*). Avaliação certa ou fórmula literária? Parece-me que certa. Reflecte algo de fundamental.

Marcam a situação actual, simultaneamente, golpes sem precedentes que fazem recuar, particularmente quanto às suas condições de existência, milhares de milhões de

seres humanos no planeta, particularmente trabalhadores, que há nove meses são açoitados não só pela Covid-19, mas também, e sobretudo, pelas políticas levadas a efeito pela classe capitalista e pelos seus governos. Nem por isso deixa de ser correcto dizer que existe a tal “*vaga de resistência planetária*”.

No projecto de manifesto que vos foi enviado, refere-se que, na Argélia, no Chile, no Líbano, na Bielorrússia, na China, nos Estados Unidos, na Indonésia, na Tailândia, no Mali, no Sudão, na Nigéria, na Guiné, no Iraque, na Índia e, sem dúvida, em tantos outros países, se tem assistido nos últimos meses ao levantamento dos trabalhadores e da juventude quer pelas suas reivindicações económicas, quer, também, por reivindicações políticas e democráticas.

Concordamos nós, então, com a avaliação a que chega o camarada Leo Tang? Concordamos e com-



## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●



preendemos o que há de inédito nesta simultaneidade entre uma ofensiva que serve para fazer recuar muito as condições de existência dos trabalhadores e dos povos e o desenvolvimento da dita “vaga de resistência planetária”?

Objectivamente, é uma avaliação exacta. Até que ponto o é, porém, subjectivamente, até que ponto os trabalhadores, os jovens que se meteram a esta luta medem o alcance do movimento de resistência por que enveredaram?

O projecto de manifesto declara: “Do Líbano aos Estados Unidos, da Bielorrússia à França, a cada mobilização de massas se ouve ressoar nos desfiles a palavra “revolução”. São milhões que assim exprimem a sua exigência de correr com os regimes estabelecidos e romper com as instituições existentes. Muitos destes processos realçam a plena actualidade da teoria marxista da rev-

olução permanente: a mínima reivindicação democrática, a mínima reivindicação a favor da soberania nacional dos povos oprimidos colide com o imperialismo em apodrecimento, fazendo da classe operária a única força social capaz de encabeçar a luta pela democracia e pela soberania, ligando estas tarefas às da luta pelo socialismo.” O projeto de manifesto acrescenta, porém: “Há um abismo entre a natureza objectivamente proletária de muitos processos revolucionários em curso e a consciência que deles têm os seus protagonistas. Esse fosso reflecte até que ponto a crise da humanidade exige, para se resolver, que se resolva a crise de direcção da classe operária. Como afirma o Programa de Transição, ‘superar a contradição entre a maturidade das condições objectivas da revolução e a imaturidade do proletariado e da sua vanguarda constitui a razão de ser da IVª Internacional. A tarefa é mais urgente do que nunca’”.

É isso que está em jogo na luta pela reconstituição da IVª Internacional. A centralidade do factor subjectivo requer construir organizações revolucionárias em cada país com base no programa, e requer que se avance com a constituição do centro internacional de que temos necessidade.

Mais exactamente: é evidente que há alguns países em que é difícil lutar pela IVª Internacional de bandeira desfraldada, dadas as condições legais e a repressão. Nos casos, porém, em que nada o proíbe e em que tardamos, mesmo assim, em dar expressão às posições da IVª Internacional, em fazer com que o núcleo organizado que luta com o seu programa se exprima, nos casos em que tardamos em mergulhar esse núcleo na intervenção na luta de classes por conta da IVª Internacional, que obstáculos há senão as nossas próprias hesitações?

Sabemos que estas hesitações reflectem a pressão considerável que os aparelhos que ocupam a cúpula das organizações operárias sobre nós exercem. É um facto, na

verdade ainda mais real do que seria há algumas dezenas de anos, que, na cúpula das organizações que os trabalhadores constituíram na sua luta de classe, todos os aparelhos, sem excepção, se passaram a nortear pela recusa de romper com a dominação do capital. Concordamos todos com esta avaliação? Concordamos que é necessário subtrair as nossas organizações, os nossos militantes, a esta pressão? E que não há outro meio de o conseguir a não ser o da organização firme no quadro da IVª Internacional, da luta, portanto, pela reconstituição da IVª Internacional no quadro do CORQI?

Sabemo-lo bem: a política de adaptação e, há que dizê-lo, de capitulação total dos dirigentes das organizações operárias, justificam-na eles, de certo modo, com a proliferação daquilo a que, nos termos da análise de Marx, nós chamamos forças destrutivas. Conhecemos a citação de Marx: chegadas a determinado estágio do seu desenvolvimento, “as forças produtivas tendem a transformar-se em forças destrutivas”. E sabemos também quais as forças destrutivas que Marx ali elencava: o maquinismo e o dinheiro. No século seguinte, Rosa Luxemburgo acrescentar-lhes-á uma terceira força destrutiva: a economia do armamento.

Toda a gente que rompe com o marxismo, em todas as latitudes e em todos os moldes, tem uma coisa em comum: esquece-se, ou faz de conta que se esquece, desta análise de Marx das forças destrutivas. Comportam-se todos como se o capitalismo fosse portador de uma capacidade infinita de reatamento, de relançamento, de reconstrução, como se o modo de produção capitalista fosse indestrutível, inultrapassável — justificando, é claro, que eles nada possam fazer a não ser adaptarem-se-lhe, porventura tentando “humanizá-lo” ou “reformá-lo”.

Por isso é imperativo, para nós, marxistas, aferir, em permanência, à luz da realidade, se essa análise das forças destrutivas é pertinente ou não é e que ilações disso tiramos. Esta, a razão para o projecto de manifesto se

## ● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

>>> referir à questão.

O dinheiro, força destrutiva? Em que se traduz isso? A forma é, hoje, um inchar da economia da dívida como a humanidade nunca conheceu. Os números oficiais da dívida acumulada de Estados, empresas e famílias estimam-na hoje em 200 biliões (trilhões) de dólares, portanto quase três vezes o produto interno bruto mundial. Talvez ainda mais importante: desde que o ano começou, a dívida aumentou 10% (mais 20 biliões/trilhões de dólares). Esta dívida funcionará — funciona já — como arma de destruição, porque serve para empregar à escala mundial, como a empregaram nos anos setenta e oitenta do séc. XX, especialmente em África, na América Latina, na Europa de Leste, como elemento útil para destruir as conquistas operárias e democráticas e destruir os serviços públicos.

Vocês sabem que, na Europa, os critérios de Maastricht (que fundaram a União Europeia, em 1992 — NdR) são extremamente estritos no que diz respeito à dívida pública. Esta não pode ultrapassar 60% do produto interno bruto dos Estados membros da União Europeia. Quando a crise apareceu, todos os Estados e o próprio Banco Central Europeu despejaram sem parar centenas de milhares de milhões de euros. O endividamento público, na maior parte dos países da Europa, ascende não a 60%, mas a 100, 110, mesmo 120% do PIB. Ora, quando a presidente do Banco Central Europeu (BCE) foi interrogada acerca da dívida, fazendo-se-lhe notar que não haveria maneira de reembolsá-la e que se iria ter de anulá-la, pelo menos em parte, ela respondeu o seguinte: pois, para já, não é possível reembolsá-la. Talvez daqui a cinco anos, a dez anos, continue a não ser possível. Mas anulá-la está fora de questão. Alguma vez há-de chegar o momento de apresentar a factura aos povos da Europa, e eles hão-de pagar.

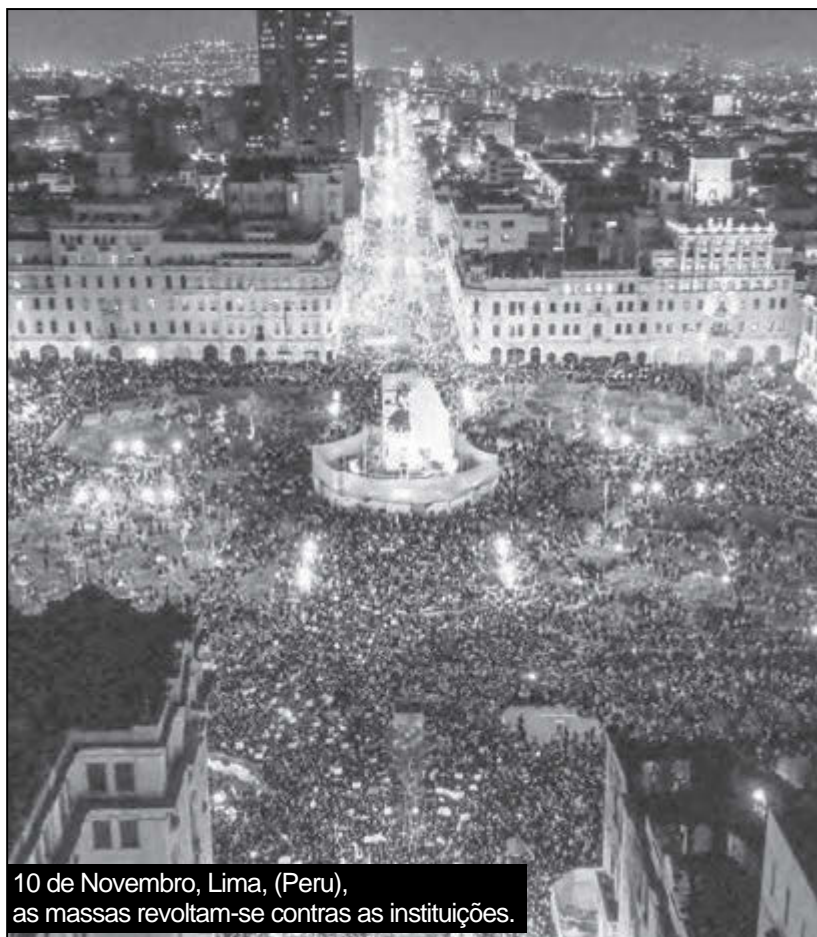
O maquinismo? Temos visto, desde que esta crise começou, a vantagem que a economia digital representa para a classe capitalista,

permitindo-lhe destruir milhões de empregos à escala mundial e substituir, para usar o enunciado de Marx, trabalho vivo por trabalho morto. Ao permitir igualmente a desregulamentação generalizada, o trabalho remoto, a parcelização do trabalho, ela vem a ser um instrumento de destruição das conquistas colectivas da classe operária, um instrumento para acicatar a concorrência entre os trabalhadores.

As leis do capital analisadas por Marx continuam verdadeiras: quanto mais o capital substitui trabalho vivo por trabalho morto, mais dá sumiço à fonte de toda a riqueza nova que é a mais-valia produzida pelo proletário no âmbito da relação social de exploração. Quanto mais se substitui trabalho vivo por trabalho morto, mais pesada fica a composição orgânica do capital, conforme Marx analisou — e mais capital é preciso para produzir quantidade equivalente de mais-valia. O efeito

de ricochete da mecânica de que o capital se serve para tentar aumentar a sua rentabilidade é, conseqüentemente, tornar a extorsão de mais-valia cada vez mais difícil e reduzir as possibilidades de fazer lucro. A resposta do capital é destruir massivamente os sectores menos rentáveis da economia. É o que neste momento ocorre, com os capitais a desinvestirem-se dos sectores de serviços, da banca, da aeronáutica, da metalurgia, do automóvel, e apenas uma pequena proporção dos respectivos postos de trabalho a ser substituída por outros novos.

E a economia do armamento? Há poucos anos, Obama e, a seguir, Trump exigiram que todos os países da NATO dedicassem um mínimo de 2% dos seus PIBs às despesas de armamento. Nessa altura, a maior parte dos países da NATO estava muito abaixo desse nível. Hoje, a maior parte está acima de 2%. E está não só por o PIB



10 de Novembro, Lima, (Peru), as massas revoltam-se contras as instituições.



## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●

ter diminuído. Em valor absoluto, as despesas de armamento têm aumentado. Este aumento tem duas consequências. A primeira é que desvia verbas do orçamento do Estado em seu proveito e em detrimento das despesas com a saúde, o ensino, os serviços públicos. A segunda é que a mercadoria “armamento” só pode ser consumida de uma maneira, a guerra. Hoje, o alastramento das guerras é uma realidade que não faz senão agravar-se. A crise actual não se resolve, mas alimenta e alimenta-se da sucessão de guerras e intervenções militares que não poupa nenhum continente, com o imperialismo americano (mas não só) a alimentar muitas vezes ambos os lados em presença. O que interessa é alimentar os focos de guerra e de destabilização. A economia do armamento precisa da guerra para se desenvolver, e a economia capitalista precisa da economia do armamento.

Concordamos todos que se deve considerar que a economia do armamento, a dívida e a inflação monetária em geral, a máquina (na forma da generalização da economia digital) representam, de facto, forças destrutivas, expressão concentrada do beco sem saída que o próprio sistema capitalista é? Teremos boas razões para ver nelas a expressão concentrada do mortal beco sem saída do capitalismo, que só pode arrastar a humanidade para a ruína e a barbárie? Teremos boas razões para considerar que a consequência disso é a obrigação em que a classe operária se encontra de lutar pela socialização dos meios de produção, pela expropriação da classe capitalista?

Esta questão da avaliação que fazemos do beco sem saída mortal do capitalismo tem consequências no juízo que fazemos da política dos aparelhos e naquilo que temos designado por política de “união sagrada de facto” por onde todos eles se meteram.

O termo de “união sagrada” apareceu na altura da Primeira Guerra Mundial quando os dirigentes dos grandes partidos socialistas e sociais-democratas filiados

na IIª Internacional, que haviam prometido lutar contra a guerra imperialista, viraram afinal a casaca em poucos dias, chegando muitos deles (em França, na Alemanha, na Bélgica, na Grã-Bretanha) ao ponto de apoiar os seus governos imperialistas em guerra e até de participar neles.

Quando se deu esta traição da IIª Internacional, aqueles que se lhe opuseram na Internacional ficaram em extrema minoria. À cabeça, temos a posição dos bolcheviques na Rússia, e nem foram todos, alguns socialistas dos Balcãs, alguns sindicalistas revolucionários em França e algumas minorias em sindicatos e partidos operários do mundo inteiro. Lenine explicou então que, para compreender a traição da IIª Internacional, não era possível contentar-se com um juízo moral ou uma posição pacifista abstracta. Era preciso, dizia ele, relacionar a passagem para o campo do imperialismo com a sua raiz social e económica. Foi nesse momento que Lenine resolveu escrever sobre o imperialismo. Começou a escrever acerca da relação entre a traição da IIª Internacional e o imperialismo logo em Setembro-Outubro de 1914, dando lugar, mais tarde, à redacção de *O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo*.

A situação actual mantém-se fundamentalmente aquela que Lenine analisou em *O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo*. Assim, os mecanismos da união sagrada actual (os seus mecanismos, não os seus moldes) decalam em grande parte os que experimentámos no princípio do século XX. Os traços que Lenine caracterizara no imperialismo (expressão do imperialismo chegado ao seu estágio mais elevado, aquele, portanto, a partir do qual começava a apodrecer: incapacidade de esticar o mercado mundial para lá dos seus limites, luta e guerra inter-imperialistas permanentes para apropriar quotas de mercado dos outros, etc.), tais traços têm perdurado por mais de um século, chegando hoje a tal grau de decomposição e pu-

trefacção, que os aparelhos têm o mesmo discurso em comum. Quando nós, militantes revolucionários, dizemos, por exemplo, que se poderiam usar de imediato os biliões (trilhões) gastos a financiar os capitalistas para abrir hospitais e centros de rastreio, para desdobrar turmas e escolas, para manter empregos... quando o dizemos, aqueles dirigentes, aqueles aparelhos contrapõem invariavelmente a mesma resposta: é impossível, não dá.

De modo que, como militantes da IVª Internacional que somos, nos vemos obrigados a avançar com uma mesma acusação em toda a parte: a questão é não *poderem* fazê-lo, ou não *quererem* fazê-lo? Caramba, o que há de impossível em confiscar as centenas de milhar de milhões (bilhões) distribuídos a rodos pelos governos, em requisitar fábricas, em forçar tais medidas de salvaguarda elementar da população pela mobilização da classe operária? Nada disso é impossível! Desde que exista vontade de impor tais medidas. Vontade de impor a ruptura com a classe capitalista. No projecto de manifesto, recordamos que o governo chinês levantou da terra hospitais em duas semanas, mobilizando todas as virtualidades da propriedade estatal. Escrivê-lo não é justificar a política da burocracia chinesa, porquanto sabemos que o que ela faz com uma mão, desfaz com a outra, e mesmo pior, por exemplo, quando organiza a repressão dos trabalhadores e jovens de Hong Kong e em toda a China. Só que isso nada tira à realidade de que, tecnicamente, ficou demonstrado que era possível levantar do chão hospitais; para tanto, bastava mobilizar os recursos necessários. É claro que nenhum governo capitalista o quer fazer, e não admira porquê. Mas os dirigentes das organizações operárias recusam-se a reivindicá-lo e ainda mais se recusam a mobilizar para o conseguir. São estes os moldes concretos da união sagrada dos nossos dias.

Na maior parte dos países imperialistas, os dirigentes dos aparelhos não deixaram só passar os

### ● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

>>> pretensos “planos de recuperação” dos governos: votaram a favor deles. Os seus deputados votaram a favor dos “planos de recuperação” que despejaram centenas de milhar de milhões de euros nos bolsos dos capitalistas, que, por sua vez, se servem deles para especular e despedir. Fizeram-no em França, na Alemanha, na Grã-Bretanha, em Espanha, em Portugal, em Itália. Noutros países, assim nos Estados Unidos, a cúpula sindical aprovou a iniciativa dos deputados do Partido Democrático de reivindicar um plano desse jaez. É isto, a união sagrada. Consideramos todos nós, em concordância, que, enquanto militantes da IVª Internacional sem outro interesse a defender a não ser os interesses dos explorados e oprimidos, temos o irrecusável dever de denunciar a união sagrada, de expor ante a opinião pública operária internacional o que ela significa? Concordamos todos que temos o irrecusável dever de lutar contra essa união sagrada e de lutar por que as organizações operárias rompam com essa política? Toda a questão das palavras de ordem transitórias vem daqui. Da capacidade, portanto, da classe operária para se organizar a fim de impor ela própria a requisição, a confiscação, o controlo das medidas sanitárias e tantas outras questões que temos de pôr na ordem do dia.

Neste ponto do relatório, queria dizer uma palavra sobre o centro revisionista que organizou a cisão da IVª Internacional em 2015. A lógica do centro revisionista, que rompeu com a IVª Internacional reivindicando abertamente aquilo a que se poderá chamar uma política de “não construção do partido revolucionário”, acabou, nestes meses mais recentes, por chegar ainda muito mais longe na adaptação à ordem imperialista. Em 2019, vimos os dirigentes do Partido dos Trabalhadores da Argélia tudo fazerem para tentar manter no poder a clique de Bouteflika; depois de um momento de hesitação, vimos o centro revisionista solidarizar-se com essa política. Hoje, nas colunas das *Informations ouvrières*, em

França, as posições do Partido dos Trabalhadores da Argélia continuam a ser constantemente exaltadas, sem nunca se ter feito o balanço de que, até ao último momento, até ao dia 27 de Março de 2019, eles tentaram salvar o regime de Bouteflika em boa inteligência com o irmão deste último. No Brasil, os dirigentes da organização revisionista estão totalmente enfeudados a Lula e à sua direcção, como se os dirigentes do Partido dos Trabalhadores não tivessem ocupado o poder durante doze anos, como se não tivessem privatizado sem peias, atentado contra as conquistas operárias e pago a dívida. Quanto aos Estados Unidos, é o alinhamento completo com a pretensa “esquerda” do Partido Democrático, abandonando a mínima referência, verbal que seja, à necessidade de um *Labor Party* e de um Partido Negro, à necessidade de os sindicatos romperem com o Partido Democrático.

Em França, ao mesmo tempo — pois estão divididos, em crise — que fazem parte dos “coletes amarelos” que procuram destruir os sindicatos, estão cada vez mais enfeudados à própria burocracia sindical. Só para dar dois exemplos, no domínio da saúde, todos os sindicatos dirigidos por militantes da CCI na federação sindical afectada aprovaram um acordo que implica os sindicatos em atentados contra o estatuto. Num recente congresso sindical da federação da metalurgia, o porta-voz da CCI aprovou um acordo assinado na principal indústria aeronáutica, que se chama Airbus, um acordo que vai fazer perder o emprego a milhares de trabalhadores e uma parte substancial do salário aos outros. E a seguir reivindicou o apoio ao acordo nas *Informations ouvrières*. Isto não transforma o centro revisionista em corrente reformista. Uma corrente reformista pode, a dada altura, exprimir a tendência para se agarrar às reformas conseguidas pelos trabalhadores. Aqui estamos em presença de uma corrente degenerada, saída do trotskismo, mas que desempenha um papel mercenário de destruição das

organizações operárias. Fechemos o parêntese.

Um ponto há em que é preciso esclarecermos a discussão entre nós. No que diz respeito às organizações que foram constituídas pela classe operária no seu combate histórico, especialmente os sindicatos, concordamos em considerar que não podemos confundir o sindicato com o seu aparelho, nem os diferentes níveis do aparelho? É uma discussão importante: surgiu, por exemplo, no debate com os militantes chilenos que romperam com o CORQI. A conclusão que eles tiraram foi que a formidável vaga revolucionária iniciada no Chile em Outubro de 2019 deu em a CUT, a central sindical, ficar definitivamente integrada e passar a ser uma central corporativa.

A herança do nosso movimento e, para ser mais exactos, a herança do que nos ensinaram Lenine e, sobretudo, Trotsky sobre os sindicatos, bem como o que nos ensinou o camarada Pierre Lambert, é que o sindicato construído pela classe operária para se constituir como classe (Trotsky diz dele que é “*a arena elementar da frente única*”), continua a ser, enquanto não for destruído e apesar da direcção que tenha, um instrumento de organização e acção da classe operária no terreno da sua independência.

O facto é que, no mundo inteiro, quando os trabalhadores enveredam pelo caminho da luta, recorrem às organizações que foram construídas pelas gerações anteriores e apropriam-se delas. Lembremo-nos do processo revolucionário que surgiu na Tunísia em 2010-11. A União Geral Tunisina do Trabalho (UGTT) era uma central grandemente integrada no regime de Ben Ali. Apesar disso, as suas raízes mergulhavam na história do proletariado tunisino e da sua emancipação nacional. Quando o povo trabalhador da Tunísia se levantou, os trabalhadores dirigiram-se às sedes da UGTT e reocuparam-nas, reapropriaram-se da central sindical de maneira geral. Estamos de acordo

## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●



Greve nas minas de Belaruskali (Bielorrússia, Agosto de 2020).

em considerar que essa é a lei geral?

As organizações sindicais precisam de um aparelho para viver, mas nós distinguimos entre os níveis inferiores do aparelho e os níveis superiores. As cúpulas dos aparelhos das organizações sindicais comportam-se quase sempre como homens de Estado, como se fossem ministros. Falam do “interesse geral”, passam o tempo em combinações de “diálogo social”, sabem manter-se “razoáveis”, etc. Já na parte inferior da escala, o delegado que faz o trabalho quotidiano, o delegado a quem os camaradas de oficina, de escritório recorrem para defender as reivindicações, não é, evidentemente, independente da cúpula. Mantém, até certo ponto, a confiança nos dirigentes. Mas o trabalho que faz, fá-lo não à conta da direcção burguesa do sindicato, mas do carácter operário do sindicato.

É por isso que costumamos dizer que o aparelho do sindicato é um aparelho “operário burguês”. Burguês pela sua política, pelos seus dirigentes, e operário pela sua função na relação com a classe. Esta avaliação faz-nos compreender que a cúpula do aparelho, por muito burguesa que seja, não pode levar a sua política às últimas consequências, sob pena de serrar o ramo em que está sentada, liquidar a organização que parasita (o que não quer dizer que não possa levá-la nunca às últimas consequências). É uma velha discussão. É a discussão que Trotsky

travou sobre a questão da defesa da União Soviética, a que nos referimos no projecto de manifesto e que é amplamente desenvolvida na recolha intitulada *Em Defesa do Marxismo*.

A propósito da Federação Americana do Trabalho (AFL, no final dos anos trinta nos Estados Unidos), organização muito direitista, escreve Trotsky: “Os dirigentes são agentes notórios da burguesia. Em todas as questões fundamentais, fazem uma política contraditória com os interesses do proletariado. O aparelho passou a ser um factor reaccionário.” O mesmo se pode dizer da direcção das organizações sindicais da maior parte dos nossos países, pelo menos na maioria dos países imperialistas, isso de certeza, mas também na maior parte dos países dominados. Mas Trotsky acrescenta: “Não resulta disso, em caso algum, que a AFL deixe de ser uma organização sindical.” Ele dá a seguinte definição, que me parece muito importante que absorvamos: “O carácter de classe do Estado é definido pela sua relação com as formas de propriedade dos meios de produção.” Portanto, quando os meios de produção pertencem à burguesia, é um Estado burguês. Mas acrescenta: “O que define a organização operária como sindicato é a relação em que está com a repartição do rendimento nacional”. E especifica: “Se a burocracia da AFL defendesse os lucros da burguesia contra todas as expectativas dos trabal-

hadores, se lutasse contra as greves, contra os aumentos de salários, contra a ajuda aos desempregados, então deixaria de ser um sindicato, passaria a ser uma organização de amarelos.” Com razão: as organizações “amarelas” de todos os países caracterizam-se por furarem as greves e se baterem pela redução do rendimento operário. Trotsky acrescenta que: “Para não romper com a base, a direcção da AFL é obrigada, em certos limites (fórmula obviamente importante: “em certos limites”), a dirigir a luta dos trabalhadores pelo aumento dos salários, ou, pelo menos, contra a diminuição da parte que lhes é reservada no rendimento nacional. Este sinal objectivo basta para nos permitir, em todas as situações importantes, traçar uma linha de demarcação entre os sindicatos mais reaccionários e as organizações amarelas, e é por isso, diz ele, que temos a obrigação de defender a AFL.”

Concordamos nós com esta conclusão? Em considerarmos que, por muito reaccionária que seja a política dos dirigentes sindicais, enquanto eles não conseguirem transformar a organização sindical numa máquina anti-greve e de diminuição do rendimento operário, enquanto, como diz Trotsky, eles forem obrigados, “em certos limites”, a defender a parte do rendimento nacional que cabe à classe operária, concordamos em considerar que, apesar do carácter burguês da direcção, eles continuam a ser organizações operárias que nós defendemos, inclusive contra a política burguesa da respectiva direcção?

É uma discussão que, enquanto Lambert foi vivo, passou por grandes desenvolvimentos na secção francesa. Lambert vincava que a marcha para a integração das organizações sindicais era, como ele dizia, “um processo em curso, mas inacabado”. Na direcção da secção francesa (é, aliás, a discussão que preparou a cisão), havia um sector que achava — sem o dizer sempre — que o processo não estava em curso e que a



### ● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

>>> independência da organização sindical estava garantida de uma vez por todas. Era, obviamente, o sector que se estava a adaptar ao aparelho reformista e que iria romper com o trotskismo. Mas Lambert vincava: é um processo em curso, a marcha para a integração está em curso, os dirigentes que se recusam a combater empurram a organização sindical para o caminho do corporativismo. Só que, acrescentava ele, a resistência da classe operária e, também, a dos militantes e quadros intermédios dos sindicatos, torna impossível, para já, perfazer o processo. Dizendo, também, que só uma derrota de maior da classe operária permitiria perfazer o processo.

Concordamos com esta análise? Mantém-se ela actual? Concor damos, igualmente, com a análise do projecto de manifesto do que se passou no momento da queda da União Soviética, a saber o prognóstico de Trotsky que, embora não se tendo realizado pelo ângulo da vitória da revolução política, *tão-pouco* se verificou em moldes de estabilização de uma burocracia totalitária, abrindo caminho a uma longa fase de refluxo?

Concordamos também quanto à maneira como o projecto de manifesto foca a questão das relações entre a China e os Estados Unidos? Questão importante, que cruza a nossa posição de fundo sobre a defesa da classe operária.

Sim, a burocracia chinesa entregou à exploração capitalista uma mão-de-obra privada de direitos. Permitiu, especialmente, ao capital financeiro dos Estados Unidos granjear uma trégua significativa na sua crise de decomposição, graças à sobre-exploração de uma classe operária em grande parte privada de direitos. Actuando assim, abriu a economia planeada à penetração capitalista. Será, não obstante, correcto dizer que, por enquanto, tal política não destruiu a base social que tem a sua expressão concentrada na propriedade estatal? Será correcto dizer que, hoje, o imperialismo americano deixou de precisar, na mesma proporção, da exploração do proletariado chinês

para se relançar e que vai acentuar a pressão contra a economia planeada e para levar às últimas consequências o desmantelamento da propriedade estatal na China? Concordamos nós em que, se o conseguisse, isso representaria um golpe profundo infligido não só ao proletariado chinês, mas ao proletariado mundial?

Por estas razões, o projecto de manifesto pronuncia-se pela defesa incondicional da China contra o imperialismo americano. Acrescenta, contudo: defesa incondicional não significa de maneira nenhuma que a burocracia tenha uma missão progressista de qualquer espécie, bem pelo contrário. Temos visto como ela tem actuado em Hong Kong e em toda a China contra a classe operária. O destino da China, o destino da propriedade estatal, não está, em última análise, nas mãos da burocracia, mas nas da classe operária chinesa e, portanto, da sua organização independente. Por este motivo, a questão de organizações operárias independentes na China é uma questão central. Pelo mesmo motivo, as palavras de ordem democráticas que se brandiram em Hong Kong, posto que instrumentalizadas por sectores favoráveis à restauração capitalista, não deixam por isso de ser palavras de ordem de mobilização revolucionária do proletariado, pois reivindicam o direito da classe operária chinesa a organizar-se a si própria e a dispor dos seus próprios sindicatos. O destino das conquistas revolucionárias da classe operária chinesa dependerá, em primeiro lugar e antes de mais nada, dessa capacidade de organização.

Estamos de acordo com a avaliação feita no projecto de manifesto de que, pelo mundo fora, a decomposição do imperialismo alimenta a marcha para o totalitarismo, para o “Estado forte” e para o corporativismo? Concordamos em caracterizar como bárbaro o destino reservado aos refugiados e migrantes no mundo inteiro e, muito particularmente, nas potências imperialistas, seja nos Estados Unidos seja na Europa?

Estamos de acordo em considerar, como considera o projecto de manifesto, que a teoria da revolução permanente mantém candente actualidade? Muito em particular em matéria da posição que temos adoptado sobre essa questão nacional de tipo especial que é a questão negra nos Estados Unidos, e que nos faz reivindicar e contribuir para a constituição de uma organização política negra operária independente, não apenas como processo relacionado com a luta por um Labor Party, mas, de certo modo, como componente obrigatória do processo de constituição de tal partido? Neste ponto de vista, os nossos camaradas americanos têm dado passos importantes nesse sentido.

Concordamos, por fim, em que a palavra de ordem do Programa de Transição “*Lugar à juventude, lugar às mulheres trabalhadoras!*” exige, mais do que nunca, iniciativas, palavras de ordem e formas de organização?

Para acabar, camaradas, consideramos e estamos de acordo em dizer que, segundo a tradição da nossa corrente desde 1848, a classe operária deve constituir-se em partido independente das outras classes e que a nossa tarefa enquanto militantes revolucionários organizados na base do programa da IVª Internacional é ajudar a constituir (ou reconstituir) tais partidos operários no sentido original do termo?

É consabido que a luta de classes é internacional no conteúdo e nacional pela sua forma, sendo, consequentemente, as vias, formas e meios para construir partidos operários forçosamente muito variados de um país para o outro. Mas quanto à necessidade de construir um partido operário, à necessidade de trabalhar por uma representação política independente da classe operária, têm as secções do CORQI o dever de pôr na ordem do dia esta questão e, pondo a questão do partido operário, logo pôr a questão do poder? Não somos apêndices das organizações sindicais. Cada reivindicação específica, inscrevemo-la numa longa

## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●



Dia 28 de Novembro, em França, centenas de milhar pela retirada da lei de Segurança Global de Macron.

cadeia que, como diz o sub-título do *Programa de Transição*, representa uma “ajuda à mobilização das massas com vista à tomada do poder em torno de um sistema de reivindicações transitórias”, cada uma delas dando azo à seguinte, aproximando a questão do poder e nela convergindo. Estamos de acordo em que a actualidade nos confere a obrigação de suscitar, nos moldes apropriados, a questão do governo da classe operária?

Temos razão em, por essa mediação, pôr a questão das formas de organização transitórias? Isso é o que se joga com o Comité Op-

erário Internacional constituído na conferência mundial de Mumbai (2016), cujo título completo é “Comité Operário Internacional contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária”. Sim, é uma forma algébrica. Nós, pela nossa parte, consideramos que o programa de uma Internacional revolucionária deve ser o da IVª Internacional. Mas também sabemos que são muitos os militantes operários, as correntes, os grupos, as organizações que se põem o problema da independência política da classe operária, que se põem à sua maneira o problema do partido operário e da Internacional

Operária, sem necessariamente partilharem os nossos princípios. Havemos de procurar a junção com eles nos moldes apropriados, nunca renunciando ao Programa nem à independência da IVª Internacional?

Se há entre nós acordo em todas estas matérias, sabermos disso tirar as ilações, práticas e de organização, quer para cada uma das nossas secções, quer para as decisões que teremos a tomar no segundo ponto da ordem do dia desta conferência, designadamente os moldes deste colectivo de animação do

CORQI que corresponda ao estádio em que nos encontramos da luta pela reconstituição da IVª Internacional. Que decerto não é o estádio final, mas é porventura o de dar um passo em frente. Passo em frente, que não se pode medir unicamente por um acordo sobre uma forma de nos organizarmos internacionalmente. O passo em frente deve ser aferido pelo acordo entre todos sobre as várias questões aqui suscitadas, sobre a maneira de levar à prática estes princípios em cada um dos nossos países e, nessa base, sobre as conclusões que daí tiramos ao nível internacional. ●

>>>

● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

# Alguns elementos da discussão da Conferência Internacional

**A**PESAR DAS DIFÍCIS CONDIÇÕES em que se desenrolou a conferência, que as circunstâncias nos forçaram a realizar em forma de videoconferência, muitos foram os camaradas — entre os mais de 100 delegados e convidados — que usaram da palavra nos dois pontos da ordem do dia. Foram apresentadas e discutidas, aceites ou afastadas, mais de 60 emendas ao projecto de *Manifesto de Alarme* adoptado pela conferência. Não podendo reproduzir toda a riqueza da discussão, pomos à disposição dos leitores d'*A Internacional* algumas facetas da discussão (da responsabilidade do redactor do artigo).

## Processos contraditórios estreitamente imbricados

Assim, muitos foram os camaradas que partiram da situação nos respectivos países para ilustrar a conclusão do *Manifesto*: o absoluto beco sem saída em que o sistema capitalista se acha, factor de barbárie, imbricando-se, porém, estreitamente nesse processo a resistência das massas à escala planetária. “*A pandemia não inventou a unidade mundial da luta de classes*”, referia um camarada, “*mas pôs essa unidade mundial de manifesto aos olhos das mais amplas massas*.” Barbárie quando, na **Azânia / África do Sul**, a pandemia serviu ao governo do ANC e do Partido Comunista de ensejo para impor um confinamento total da população negra das *townships* e reprimir quem,

impelido pela fome, saísse em busca de água e alimento. Barbárie ainda, o desenvolvimento das guerras e processos de decomposição das nações, juntando ao desenvolvimento de grupos terroristas a ocupação estrangeira em regiões como o Sahel, como referiram os camaradas do **Benim**, que deram igualmente conta da repressão “*contra sindicalistas do sector da saúde, perseguidos pelo poder simplesmente por terem dito a verdade e contestado a política sanitária*”. Repressão e marcha para o “Estado forte”, uma tendência geral, como é o caso no **Togo**, onde, como testemunhava um camarada, “*as manifestações estão proibidas*”. No **Haiti**, “*o país vive um movimento de protesto sem precedentes desde as revoltas populares de Julho de 2018 contra a oligarquia que continua a enriquecer, explorando e oprimindo ainda mais a classe operária, os pequenos agricultores, os artesãos; todas as camadas sociais estão vivendo em condições extremamente duras, aflitivas e desesperantes*.” Na conferência, que se desenrolava a seguir às eleições presidenciais nos Estados Unidos, “*pode parecer estranho dizê-lo, mas a situação do povo palestino arrisca-se a piorar com a vitória de Biden, em comparação com o que o nosso povo sofreu com Trump*”, referiu um militante da **Palestina**, lembrando que o número de colonos israelitas triplicou debaixo das administrações democratas de Clinton e Obama. Processos de ofensiva da classe capitalista contra a classe operária que lavram em toda a parte, recor-

daram os camaradas da **Suíça**, onde, com Genebra uma das cidades europeias mais fustigadas pela pandemia, a União de Bancos Suíços (UBS) anuncia lucros recorde, a exemplo das riquezas acumuladas nas mãos da classe capitalista à escala internacional nos últimos meses.

## Um movimento global de resistência da classe operária

Todos estes processos estão, entretanto, estreitamente imbricados com as explosões revolucionárias e os elementos de resistência da luta de classes que constituem um movimento global. Marcaram igualmente os últimos meses, lembrava um camarada do **Peru**, “*duas derrotas maiores do imperialismo na América Latina, reflectidas no terreno eleitoral: o referendo por uma nova Constituição no Chile e, na Bolívia, a vitória eleitoral do partido de Morales, um ano depois do golpe de Estado que o expulsara do poder*.” Na **China**, explicou um militante convidado para os trabalhos da conferência, “*à superfície, a China pode parecer-vos estável. A voz do povo está muito silenciosa. Agradecemos a vossa solidariedade face à repressão que nos fustiga. Deveis, contudo, saber que, abaixo da superfície da água, há um oceano em movimento. Aca-ba de decorrer em várias grandes cidades uma greve dos distribuidores de refeições. As suas condições de trabalho são miseráveis. Tratam-nos como empresários independentes, quando o que eles são é trabalhadores*.”



## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●

Um comentador local, registando a amplitude adquirida pela mobilização, afirma: “noutra época, seria chão fértil para um partido comunista clandestino”. Na **Argélia**, os camaradas referem: “em determinadas regiões, comités populares pré-existentes ou constituídos para o efeito pegaram na organização da segurança sanitária, considerando a insuficiência dos meios fornecidos pelo governo: máscaras, testes, medicamentos, etc. No mês de Outubro, a lista de lutas é extensa. Em Bejaia, a luta dos trabalhadores da Numilog entra no terceiro mês de greve contra os despedimentos pronunciados pela direcção da empresa (que pertence a um oligarca importante) por causa da constituição de uma secção sindical da UGTA. Vinte mil trabalhadores haviam-lhes manifestado a sua solidariedade numa marcha em finais de Setembro, convocada pela união de wilaias. A direcção nacional da central sindical ficou em silêncio. No enfiamento, outra empresa pôs-se em greve após a morte de dois trabalhadores. Há, ainda, greves persistentes em seis outras empresas da cidade. Dezenas de câmaras estão paralisadas pela greve dos empregados municipais pelo seu salário, assim como por centenas de cidadãos que protestam contra as condições de habitação.” Processos semelhantes de luta de classes foram igualmente salientados pelos camaradas da **Índia** (vejam-se as notas editoriais do presente número) e do **Paquistão**: “os ataques contínuos têm dado ensejo a uma vaga de protestos e greves: trabalhadores do sector privado e público, empregados do Estado, ferroviários, tijoleiros, trabalhadoras, professores, juristas, médicos, saem para a rua contra as políticas imperialistas, criticando audazmente o governo capitalista. Estas lutas assinalam o despertar de um gigante: a classe operária”. Ora, recordam os camaradas do **Afeganistão**, “a classe operária, aliada a todos os oprimidos, é a única força social capaz de derrubar o capitalismo, tomar o poder de forma a quebrar as suas cadeias e impor

uma transformação radical que traga prosperidade para todos, independentemente da cor da pele, sexo ou nacionalidade.”

### Mil e uma caras da “união sagrada de facto”

Muitos camaradas debruçaram-se sobre os problemas do movimento operário à escala internacional e em cada país, muito em particular a “união sagrada de facto” selada pelas cúpulas dos aparelhos com os governos capitalistas. Pasma-se ao ver a semelhança dos problemas relatados pelos delegados de uma série de países imperialistas. Na **Alemanha**, o plano de ajuda ao patronato e à banca, no montante de 1,2 biliões (trilhões) de euros, foi aprovado no *Bundestag* não só pelos deputados do Partido Social-Democrata (SPD), que faz parte do governo de bloco central de Merkel, mas também pelos deputados do partido *Die Linke*, que reivindicam situar-se “à esquerda” do governo. Na **Bélgica**, “constituiu-se um novo governo para desfazer as conquistas operárias (Segurança Social, leis sociais); que quer regionalizar ainda mais; que, para o conseguir, tenciona integrar as organizações sindicais no processo. O governo inclui ministros do Partido Socialista, associados aos partidos de direita.” No **Canadá**, “o governo federal atribuiu mais de cem mil milhões de dólares canadianos às empresas capitalistas para financiar despedimentos. Esta política é levada a cabo por um governo do partido liberal, mas o plano foi aprovado na Câmara dos Comuns por todos os partidos, incluindo o NPD (Novo Partido Democrático, que representa o movimento sindical no Parlamento). Por duas vezes, o NPD salvou o governo federal por ocasião da votação de duas moções de confiança.” Na **Grécia**, “o governo de direita fez um acordo com o chefe do anterior governo de “esquerda”, Alexis Tsipras, para nomear um ministro da saúde “consensual”, quando, na Grécia como em todo o lado, a situação nos hospitais é dramática”. Esta política não é apanágio dos

países imperialistas. Manifesta-se também nos países dominados, como no caso do **Brasil** de Bolsonaro, onde, como explicava um delegado “esta semana, o dirigente do Partido dos Trabalhadores no Senado fez aprovar, com o aval de Bolsonaro, um projecto que legaliza a remuneração pelo Banco Central dos depósitos voluntária e quotidianamente efectuados pelos bancos junto do próprio Banco Central.”

### Resistência à união sagrada nas organizações da classe

Esta “união sagrada de facto” embate, contudo, na resistência dos trabalhadores e dos quadros intermédios das organizações que a classe operária constituiu e que, pela nossa parte — como o *Manifesto* salienta — não confundimos com os aparelhos dirigentes. Na **Grã-Bretanha**, como referiu um delegado, a política de apoio ao governo das cúpulas do Partido Trabalhista e do *Trade Union Congress* (TUC, a central sindical) provoca uma rejeição cada vez mais marcada de milhares de militantes e responsáveis sindicais e até de instâncias sindicais. Na **Coreia**, informou-nos um delegado que, ao passo que muitas são as mobilizações operárias em desenvolvimento, nomeadamente entre as categorias mais precárias de trabalhadores, a direcção da central sindical histórica, a KCTU, ao tentar celebrar um acordo tripartido entre sindicato, patronato e governo, foi posta em minoria pela maior parte dos quadros e militantes na reunião geral de delegados de 23 de Julho de 2020. Um camarada de **Portugal** referiu os moldes específicos em que naquele país se desenrola a “união sagrada: um governo do PS com acordos parlamentares escritos com o PCP e o Bloco de Esquerda baseados no estrito respeito dos tratados e imposições da União Europeia, sob a égide do Presidente da República, de direita. Esta união sagrada assinada preto no branco conduziu inelutavelmente a direcção do Bloco de Es-

## ● 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI

>>> *querda, nomeadamente, a uma política de tal modo abertamente contra-revolucionária, que secções inteiras do partido se revoltaram, ocasionando o reforço de um grupo de oposição interno, o que fez com que, 'pela primeira vez desde há cinco anos, a direcção do Bloco tivesse que votar contra o projecto de orçamento para 2021 — ainda que novas capitulações se preparem'.*"

### O jornal como factor organizativo central para a construção do partido revolucionário

Precisamente por esta razão, salientou um camarada de **Marrocos**, a tarefa da IVª Internacional e desta terceira conferência internacional do CORQI consiste em dar um passo em frente para “superar a contradição entre a maturidade das condições objectivas da revolução e a não maturidade do proletariado e da sua vanguarda”, pela construção de secções da IVª Internacional norteada pelo combate por partidos operários independentes. Em Marrocos, apesar das condições objectivas difíceis, tal abre a perspectiva “que nos fez ultimamente constituir um comité de redacção para lançar o jornal legal”, instrumento para ajudar a articular uma política de frente única, “de apelo à unidade operária, à unidade das duas principais centrais sindicais do país, a UMT e a CDT, da base para o topo e do topo para a base, para lutar contra os despedimentos e os ataques do governo” e, nesse mesmo movimento, abrir a perspectiva “de construir um partido operário independente, coisa que fica impossível sem publicar um jornal nacional, legal e regular”.

Os nossos camaradas do **Burundi**, numa região de África marcada pelas guerras imperialistas de decomposição, puderam, por sua vez, informar da continuidade da publicação mensal “do nosso modestíssimo boletim mensal, a Tribune Libre des Travailleurs (órgão do Partido dos Trabalhadores e da Democracia,

em que intervêm os nossos camaradas) que manifesta as preocupações dos trabalhadores e dos jovens.”

“É com este mesmo método que construímos a secção francesa, que trabalhamos pela reconstrução da IVª Internacional”, refere um camarada de **França**, no dia seguinte ao êxito do comício do Partido Operário Independente Democrático (POID, partido em que intervêm os militantes trotskistas). “O nosso principal instrumento é La Tribune des travailleurs. A ela dedicamos a maior parte do nosso tempo. A cada dia que passa, estamos ligados uns aos outros pelo jornal, pela sua elaboração, pela sua venda, pela sua crítica, pelo esforço para melhorá-lo. Há uma greve a começar? Propomos um artigo. Uma reacção de um militante operário? Propomos-lhe entrar no debate através do jornal. Há inclusive editoriais inteiros que consistem em respostas a perguntas, a críticas. Ele tanto é o nosso organizador colectivo como o nosso passaporte político para recrutar para o partido. Neste momento é proibido vendê-lo na rua, de modo que os camaradas encontram outras maneiras de vendê-lo. Pegam em exemplares quando vão buscar os filhos à escola, quando vão às compras, quando vão trabalhar.”

### Progressos e passos em frente

Registaram-se na conferência progressos e passos em frente. Assim, os camaradas dos **Estados Unidos**, baseando-se nos avanços realizados há vários meses, nomeadamente graças à publicação da “newsletter” de *The Organizer*, vieram reforçar e precisar as formulações do *Manifesto* sobre a relação dialéctica entre a luta pela ruptura do movimento sindical com o Partido Democrático e pelo Partido Trabalhista (partido operário baseado nos sindicatos) e a luta pelo partido negro independente, decorrente da posição dos marxistas sobre a opressão nacional específica da população negra dos

Estados Unidos e do reconhecimento do seu direito à autodeterminação. Em **Itália**, baseando-se na “situação contraditória e dialéctica da classe operária”, que continua marcada pela vaga de greves espontânea do mês de Março nas grandes fábricas do Norte, que obrigou os dirigentes a apoiar uma greve que à partida não queriam, os camaradas informaram sobre a conferência constitutiva, em Outubro, da Organização Socialista Internacionalista, secção italiana do CORQI, que passou “de grupo a organização. Fruto de um longo trabalho de construção que foi, durante anos, criando a base para se constituir uma verdadeira secção, começando por intervir na luta de classes, no terreno das batalhas operárias concretas, nomeadamente a partir do ensino.” Organização que se pôde constituir “em redor do nosso jornal, Tribuna Libera, que sai regularmente, todos os meses, que procura estabelecer o diálogo com os trabalhadores e que é um jornal na linha da transição”, que põe “os problemas da construção de um verdadeiro partido dos trabalhadores e, portanto, a questão do poder para abrir uma saída para o socialismo”.

Muito modestamente, refere uma camarada da **Hungria**, “continuamos o nosso trabalho no terreno, à volta do nosso pequeno boletim, e o número de simpatizantes tem aumentado”. Também assim no **México**, onde uma conferência nacional da Liga Comunista Internacionalista reunida na semana que precedeu a conferência internacional teve a ocasião de discutir avanços e dificuldades da construção. Estribou-se mormente nos avanços do trabalho para a juventude, que, no México como noutros países, se registou através das iniciativas da Aliança Internacional dos Jovens para o Socialismo (AIJS), que se constituiu em finais de Agosto de 2019 num acampamento internacional da IVª Internacional que reuniu jovens de 16 países. Conforme explicou um camarada mexicano: “para nós, apresentarmo-nos como AIJS é mostrar a face “jovem” da IVª Internacional.

## 3ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO CORQI ●

*Não são coisas separadas, mas peças que se completam. É importante não só para dar uma orientação política à juventude, mas também para a própria construção das secções do CORQI em cada país. É importante trabalhar a formação de novos quadros na juventude, reforçar e apoiar os que darão continuidade à luta pela revolução socialista mundial, pela IVª Internacional. Há terreno favorável para a construção, por isso é necessário reforçar o trabalho de recrutamento no sector.”*

**“Há um ano, não conhecíamos a IVª Internacional... e não éramos os únicos”**

Na Rússia, um camarada relata: *“Quería salientar a importância da coordenação internacional da luta operária. Temos disso um bom exemplo na publicação de um artigo, no jornal dos camaradas franceses La Tribune des travailleurs, sobre a organização de um sindicato de médicos em Angarsk. Os médicos ficaram muito entusiasmados com a publicação. Referiu-se-lhes que eles não estavam isolados num só país, que a luta era internacional. Outro exemplo é a campanha pela libertação do jovem militante Denis Belov, condenado e preso (por duas semanas) com um pretexto perfeitamente grotesco.”* No Senegal, o representante do Grupo Senegalês de Estudos Revolucionários informou: *“O nosso grupo ainda nem um ano tem. Há um ano não conhecíamos a IVª Internacional, e o problema que há para resolver é que não éramos só nós! Medimos a imensidade da tarefa de construir uma Internacional alicerçada nos princípios do movimento operário, que recolha o fio condutor da luta pelo socialismo. O nosso grupo começou a constituir-se assinando e fazendo assinar o apelo internacional do COI por uma conferência mundial por uma Internacional Operária. Há lugar para um partido operário, um partido da juventude, das mulheres, dos trabalhadores do campo, do mar e da cidade. Os*

*jovens não têm esperança nem de conseguir simplesmente trabalho, a isso se resume o destino da imensa maioria da juventude, presa a famílias sobrecarregadas em habitações construídas de qualquer maneira. Acreditam, então, no eldorado europeu e fazem-se ao mar, vítimas das mentiras dos traficantes. Reduzidos à escravatura na Líbia ou mortos no Sara ou no mar: tais os actos extremos a que são acudados. Querer mudar isto não vai ser fácil, mas correr com a burguesia ao serviço do imperialismo para poder levar a cabo uma política de ruptura com o capitalismo é uma necessidade imperiosa. Como, então? Estamos convencidos de que isso passa pelo trabalho, tão ingrato como emocionante, de construir um partido revolucionário filiado na Internacional. E um boletim regular, de que temos o primeiro número na forja, com o nome “Avante!” em língua wolof. Será uma tribuna livre.”*

**Rumo à Conferência Mundial contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária, em 2021**

A luta pela reconstituição da IVª Internacional é, de facto, indissociável da luta para ajudar a reorganizar o movimento operário com um novo eixo, o da independência de classe. Foi o que levou um camarada a focar a importância da perspectiva da conferência mundial contra a guerra e a exploração convocada para 2021 com o apoio do Comité Operário Internacional contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária (COI), com base no inquérito internacional que este pôs a circular. Insere-se neste âmbito uma iniciativa específica em direcção às mulheres trabalhadoras, conforme referiu uma camarada, baseando-se na experiência de camaradas de diferentes países: *“há vários anos que vimos organizando em França, por ocasião da jornada internacional dos direitos das mulheres, uma reunião pública na nossa sede, agru-*

*pando vários centenas de trabalhadoras (e também trabalhadores). Tornou-se uma tradição, e sei que não é assim apenas em França, mas este ano resolvemos tomar uma iniciativa adicional no terreno da IVª Internacional, organizando uma conferência marxista sobre a dupla opressão das mulheres, que relatámos no número 18-19 d’A Internacional. A conferência foi um factor de clarificação no partido inteiro. Situamo-nos no terreno da unidade da classe operária, combate que integra a questão da dupla opressão das mulheres. Esta conferência marxista teve participação expressiva, pois respondia a uma preocupação autêntica, tendo havido uma discussão importante, que relatámos n’A Internacional. O termos enfrentado resolutamente estas questões libertou iniciativas no partido.”*

●  
A. F.





# MANIFESTO DE ALARME

## do Comité de Organização pela Reconstituição da Quarta Internacional (CORQI)

Às trabalhadoras e trabalhadores, jovens e militantes operários do mundo inteiro e a todos os que aspiram a acabar com a exploração capitalista  
(8, 9 e 10 de Novembro de 2020)

**A** 3ª conferência do nosso Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional realiza-se num contexto muito específico. Em nome da luta contra a pandemia da Covid-19, os governos do mundo inteiro têm tomado medidas excepcionais que impossibilitam a livre circulação e atentam, na maior parte dos países, contra as liberdades de organização e de expressão, que são a única arma dos trabalhadores na sua luta contra a exploração capitalista. Perante estas circunstâncias excepcionais e determinados, não obstante, a reunir as forças daqueles que lutam pela reconstituição da IVª Internacional baseada no seu programa e nos seus princípios, convocámos esta 3ª Conferência do CORQI, recorrendo às novas tecnologias de comunicação. A conferência foi preparada por ampla discussão internacional, com a publicação de cinco boletins internos internacionais, com contribuições de camaradas de dezasseis organizações nacionais. Ao cabo de três sessões de cinco horas cada, quinze horas durante as quais tivemos a mais livre discussão, decidimos chamar a esta 3ª conferência do CORQI “conferência de alarme”. Aprovámos o seguinte manifesto.

**1/ A IVª Internacional foi fundada em 1938 com um programa que tinha a seguinte base:** as condições objectivas da revolução proletária não só estão “maduras; começaram mesmo a

apodrecer”; porém, sem “revolução socialista, impende sobre toda a civilização humana a ameaça de ser arrastada para uma catástrofe.” A IVª Internacional afirmava, no seu programa, que a sua constituição era resultado de “grandes acontecimentos, das maiores derrotas do proletariado na história”, provocadas pela traição dos dirigentes socialdemocratas e estalinistas: “Depois da IIª, a IIIª Internacional morreu para a revolução. Viva a IVª Internacional!”

Com efeito, prosseguia o programa, “A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise de direcção do proletariado” — donde a conclusão de que “tudo depende do proletariado e, portanto, em primeiro lugar, da sua vanguarda revolucionária.”

No período que imediatamente se seguiu à sua constituição, a IVª Internacional deparou com o alastramento da Segunda Guerra Mundial. Com os seus militantes sujeitos a repressão em toda a parte, com condições de circulação entre trabalhadores e militantes do mundo inteiro coarctadas, a IVª Internacional organizou, em 1940, uma conferência, que adoptou um “manifesto de alarme”. O manifesto proclamava que a guerra imperialista trazia em si, sim, terríveis destruições, mas que dela emanariam também as maiores transformações revolucionárias, que desafiariam a existência do regime capitalista de exploração tanto

nos próprios países imperialistas destabilizados pela guerra como nos impérios coloniais, onde as massas oprimidas e exploradas se levantariam contra a dominação imperialista.

A nossa conferência de alarme de 2020 realiza-se num contexto diferente da de 1940. Em todo o mundo, apesar dos obstáculos e restrições às liberdades, trabalhadores e povos estão-se levantando tanto contra os governos imperialistas como contra os que são correias de transmissão da política daqueles. Desde o verão de 2020, na Argélia, no Chile, no Líbano, na Bielorrússia, na China, nos Estados Unidos, na Indonésia, na Tailândia, no Mali, no Sudão, na Nigéria, na Guiné, no Iraque e na Índia (onde o movimento da juventude, a que sectores essenciais do movimento operário se associaram, se ergueu contra a tentativa de dividir a classe operária e as massas exploradas pela discriminação dos indianos de confissão muçulmana), trabalhadores e jovens mobilizam-se pelas suas reivindicações económicas e, também, por reivindicações políticas e democráticas. Não resta dúvida de que há um cálculo dos governos nas medidas de confinamento tomadas: aproveitar-se das circunstâncias para sufocar as liberdades de organização, expressão e manifestação. Seja como for, este contínuo desenvolvimento das lutas de resistência e das mobilizações de trabalhadores dá um sinal claro. Para o imperialismo, é

## MANIFESTO DE ALARME ●

o momento de atacar com a barbárie, filha legítima de um sistema falido que só pode levar a humanidade de crise em crise. Para a classe trabalhadora, porém, a perspectiva é completamente diferente: chegou o momento de reconstruir a sociedade numa base nova, a da apropriação dos meios de produção pela grande maioria.

Chega a hora de acabar com o sistema capitalista falido. Chega a hora de lutar pelo socialismo, pela emancipação dos trabalhadores, que exige a socialização dos meios de produção e a transferência do poder político para a classe trabalhadora, assumindo esta o controlo da economia.

**2/ Neste contexto, a realização de nossa conferência de alarme assume um significado especial.** Chegados da China, da Coreia, do Paquistão, do Bangladesh, da Índia, do Afeganistão, da Rússia, da Bielorrússia, da Turquia, da Grécia, da Alemanha, da Suíça, da Bélgica, da Grã-Bretanha, da Hungria, de Itália, de Portugal, de Espanha, de França, da Argélia, de Marrocos, da Tunísia, do Senegal, do Togo, da Costa do Marfim, do Benim, do Zimbábue, da África do Sul, do Burundi, da Palestina, do Peru, do Brasil, do México, do Haiti, dos Estados Unidos, do Canadá, da Roménia e da Sérvia, portanto de 35 países (escusados os camaradas da Turquia, devido a hospitalização) nós, delegados, representando organizações, correntes e grupos que fazem parte integrante da luta dos trabalhadores dos nossos países respectivos, reunimos as nossas forças nesta conferência de alarme pela reconstituição da IVª Internacional (8, 9 e 10 de Novembro de 2020).

Muitos de nós, membros de organizações que há décadas vêm lutando pelo programa da IVª Internacional, fundada por Leão Trotsky em 1938; outros, militantes operários vindos de outras correntes; todos, afirmamos que, mais do que nunca, é necessário trabalhar pela reconstituição da IVª Internacional. Reconstituição que se baseia na actualidade do programa histórico adoptado na

conferência de fundação da IVª Internacional em 1938 e na continuidade da luta pela reconstrução da IVª Internacional, que culminou na conferência de reproclamação de 1993.

Encontrámos maneira, superando todos os obstáculos, de travar esta discussão nos três dias desta conferência de alarme, porque partilhamos a convicção de que nenhuma saída, nenhum futuro é possível para a humanidade, mantendo-se este sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção. Todas as ilusões na possibilidade de melhorar ou humanizar o sistema, independentemente da forma que tomassem, estatelaram-se sempre contra a realidade de um sistema capitalista que conhece uma só lei, a do lucro assente na exploração da força de trabalho assalariada, e que, em nome da preservação das margens de lucro, não hesita em destruir, em massa, as forças produtivas existentes, a começar pela primordial, a força produtiva do trabalhador.

A nossa experiência na luta de classes dos nossos países respectivos faz-nos considerar que o que anima milhões e milhões de trabalhadores empenhados na luta de resistência não é unicamente a vontade de obter a satisfação das reivindicações mais imediatas. Através desta luta, a classe trabalhadora afirma potentemente a necessidade de mudar o rumo da humanidade e, portanto, de romper com este sistema capitalista. É a luta pelo socialismo que está na ordem do dia.

Esta mudança de rumo exige a construção de autênticos partidos operários, em moldes próprios a cada país, partidos operários que só poderão levar a bom porto a tarefa da tomada do poder pela classe operária na condição de se armarem com o programa revolucionário proletário da IVª Internacional.

Não o dizemos por ultimatisimo. Entendemos que os processos de recomposição do movimento operário com um novo eixo são complexos, passarão pelo necessário reagrupamento de trabalhadores e militantes

com raízes em todas as correntes que têm historicamente vertebrado o movimento operário. Porém, é nosso dever, baseando-nos na experiência histórica do movimento operário de quase dois séculos e munidos da experiência da Iª, IIª, IIIª Internacional, bem como da longa história, repleta de crises, da própria IVª Internacional, afirmar a necessidade de armar os partidos operários revolucionários, que é imprescindível construir, com o instrumento teórico, prático e de intervenção representado pelo programa concentrado de toda a experiência do movimento operário: o programa da IVª Internacional. Isto, se o objectivo não for simplesmente a indispensável resistência económica por esta ou aquela reivindicação, mas a luta pelo socialismo.

**3/ No passado dia 24 de Março, enquanto a epidemia da Covid-19 se estava a transformar numa pandemia catastrófica que afectava todos os continentes, as organizações filiadas no CORQI adoptaram uma declaração intitulada:** *“São o sistema capitalista falido e os governos que o servem os responsáveis e culpados pela expansão da epidemia do coronavírus!”*

Nela declarávamos o seguinte: *“No momento em que escrevemos esta declaração, ninguém pode prever como vai acabar, embora, necessariamente, catastroficamente mal, a pandemia do coronavírus que hoje ameaça a vida de centenas de milhões de mulheres, homens e crianças em todo o mundo. Sabem os trabalhadores e povos do mundo inteiro, isso sim, quais foram as condições que permitiram e continuam a permitir que esta pandemia tomasse proporções catastróficas, as condições que permitem a sua propagação rápida por toda a superfície do globo. Essas condições são resultado de todas as decisões políticas tomadas e levadas a cabo há décadas pelos governos das grandes potências capitalistas, mas igualmente por governos dos países dominados de todos os continentes, norteados todos eles apenas pela defesa dos interesses das grandes multinacionais, dos grandes bancos e da especulação: deci-*

## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> *sões políticas determinadas pela subordinação de toda a civilização humana à lei do lucro capitalista. São as decisões políticas de todos estes governos capitalistas, reivindicuem-se eles de “esquerda” e “progressistas” ou de direita, que desmantelam os sistemas de protecção social conseguidos pela luta de classe dos trabalhadores. São as decisões políticas de todos estes governos capitalistas que desmantelam e privatizam os sistemas públicos de saúde, liquidam, às centenas de milhar, postos de trabalho de médicos e de pessoal hospitalar e camas hospitalares e, aos milhares, hospitais, serviços médicos e dispensários. São as decisões políticas de todos estes governos capitalistas que estrangulam financeiramente a investigação fundamental pública, desarmando os cientistas que investigam sobre os vírus emergentes. São as decisões políticas de todos estes governos capitalistas que permitem aos grandes grupos farmacêuticos acumularem lucros gigantescos pela produção ao mais baixo “custo do trabalho”, o que deu na actual penúria de produtos tão simples como máscaras, testes de rastreio e produtos desinfectantes. São as decisões políticas de todos estes governos capitalistas, os dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Alemanha, da França ou do Canadá, que organizam a pilhagem das nações de África, da América Latina e da Ásia. Uma pilhagem cujo resultado, segundo a UNICEF, são 3 mil milhões de seres humanos (40% da população mundial) sem acesso a sabão nem água corrente, sem poderem, portanto, lavar as mãos várias vezes por dia para limitar a transmissão do vírus. Sem falar dos milhares de milhões de seres humanos que só se podem alimentar uma vez por dia. Às consequências dramáticas destas decisões acrescem agora as consequências sociais do novo colapso financeiro, há já meses prenunciado no seguimento da crise de 2008-09 e que a pandemia veio agora acelerar. Ele reverte já no anúncio de gigantescos planos de despedimentos nos sectores automóvel, aeronáutico, bancário, comércio e serviços, dos têxteis, tecelagem, etc.”*

**4/ Quase oito meses volvidos sobre a declaração de 24 de Março, ela mantém total actualidade.** A humanidade está enfrentando a segunda vaga da pandemia e o risco de esta vir a ser ainda mais devastadora do que a primeira. Há já governos capitalistas (entre os que mais falharam face à crise) que estão prevendo a possibilidade de uma terceira vaga vir a suceder à segunda.

Especialistas do capital financeiro norte-americano crismaram já o período que se abriu de “a outra Grande Depressão”, referência explícita à crise de 1929-1933. Os especialistas do capital financeiro mais poderoso do mundo baseiam a sua avaliação, em primeiro lugar, na situação do mercado de trabalho nos próprios Estados Unidos. A força de trabalho sofreu um choque sem precedentes. Em Abril de 2020, 50% da força de trabalho total, 80 milhões dos 160 milhões de trabalhadores americanos, estiveram desempregados durante pelo menos dois meses. Em Outubro de 2020, essa taxa de desemprego ainda está acima de 25%. O colapso do mercado de trabalho não é conjuntural. A maior parte dos ramos da indústria anunciou planos para dezenas de milhares de despedimentos definitivos, a que se somam os cortes de lugares na função pública federal (mais de um milhão) e milhões de falências de pequenas e médias empresas. O ex-secretário do Tesouro, Lawrence Summers, disse, em Outubro de 2020, que a pandemia em curso representa “a maior ameaça à prosperidade que os Estados Unidos enfrentaram desde a Grande Depressão”. Baseando-se em estudos, este dirigente político do imperialismo americano estima as perdas causadas até agora à economia capitalista americana por esta primeira vaga da Covid-19 em 16 biliões (trilhões, no Brasil) de dólares, quase o equivalente ao PIB anual da primeira potência capitalista do mundo. E ainda só estamos no início desta pandemia.

Esta é a realidade nos Estados Unidos e no mundo inteiro, não das consequências económicas da epidemia enquanto tal, mas do

colapso do sistema capitalista baseado na propriedade privada dos meios de produção. Colapso que, tendo amadurecido na fase anterior à epidemia, com tal ensejo se precipitou. A destruição em massa de empregos industriais — e, mais geralmente, das forças produtivas — na principal potência imperialista mundial tem evidentemente um corolário em todos os países e em todos os continentes. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, só no segundo trimestre de 2020, perdeu-se o equivalente a 400 milhões de empregos a tempo inteiro. Os trabalhadores e as empresas da “economia informal” são os mais afectados. A OIT estima em 1.600 milhões o número de trabalhadores da economia informal (portanto 76% do trabalho informal à escala mundial) que sofreram o impacto das medidas de encerramento, com os jovens na primeira fila. As perdas de salário destes trabalhadores particularmente vulneráveis são consideráveis, originando uma progressão fulgurante da taxa de pobreza.

**5/ Em todo o mundo, a situação é marcada por esta destruição em massa das forças produtivas e, especialmente, da força produtiva do proletário.** Em questão de meses, destruíram-se centenas de milhões de empregos. Os sectores mais vulneráveis da classe trabalhadora foram os primeiros a serem afectados. Os empregos precários, os empregos no chamado sector informal, os contratos a prazo, os biscatos de que os estudantes vivem são geralmente liquidados sem aviso prévio, sem garantia, sem indemnização. Centenas de milhões de proletários e suas famílias vêem-se, assim, mergulhados na miséria absoluta. Mulheres e jovens constituem frequentemente a maioria dos trabalhadores abruptamente privados de emprego, assim como os dalits (casta dos “intocáveis”) na Índia, os trabalhadores negros e latinos nos Estados Unidos e as minorias discriminadas por todo o lado. Além das camadas mais vulneráveis, as mais sobre-exploradas, é a classe operária no seu conjunto,



## MANIFESTO DE ALARME ●

incluindo as suas camadas mais qualificadas, os trabalhadores que têm contratos permanentes e estatutos, que hoje se vê empurrada para a precariedade.

**6/ A crise profunda que se manifesta no próprio cerne dos Estados Unidos, a principal potência imperialista, pedra de fecho do sistema capitalista mundial, mergulha as suas raízes na resistência crescente dos trabalhadores e da juventude americanos, em cuja vanguarda marcha o movimento “Black Lives Matter”.** Este movimento reflecte a intervenção na cena política das camadas mais exploradas e oprimidas da classe operária nos EUA: a classe operária negra. Vem trazer para a primeira plana a questão democrática da igualdade efectiva de direitos de todos os cidadãos. E mina, do mesmo passo, as próprias fundações do sistema político através do qual a classe capitalista exerce o seu domínio nos Estados Unidos.

A população negra, primeiro sujeita à escravatura, usada como meio de acumulação capitalista nos Estados Unidos, foi, depois disso, mantida num quadro institucional que lhe sonega os direitos mais elementares. O que a revolta que cresce e se afirma nas manifestações de todas as grandes cidades contra os assassínios e a brutalidade policial visa são as próprias instituições do Estado que assegura as condições da exploração capitalista.

A vontade dos trabalhadores e dos jovens negros de se organizarem para lutar, para forjarem as suas próprias organizações, representa um apelo a todos os trabalhadores, a todos os oprimidos a romperem o espartilho dos dois partidos imperialistas, o Partido Republicano e o Partido Democrata, a abrirem caminho ao partido de todos os trabalhadores, um Partido Trabalhista (Labor Party), com que se prende também a luta por um partido operário negro.

**7/ Esta destruição massiva do proletariado** (que reveste também a forma de atentados às garantias que, arrancadas em dois séculos de luta de classes, limitam e contrariam a exploração) vai a

par, no outro pólo da sociedade, de um enriquecimento considerável, de uma verdadeira explosão dos lucros capitalistas. Notícias do mês de Setembro indicavam que os 643 multimilionários mais ricos dos Estados Unidos já haviam ganho 845 mil milhões de dólares nos últimos seis meses. As bolsas mundiais agitam-se convulsivamente por causa da enxurrada de liquidez nelas entornada pelos bancos centrais. Destinada, oficialmente, a “relançar” a economia e o emprego, ela ajuda, na realidade, as multinacionais a reestruturarem-se, ou seja, a livrarem-se de dezenas de milhões de empregos que consideram “improdutivos” ou insuficientemente produtivos. Estas montanhas de liquidez têm, contudo — e aí reside a contradição — , de encontrar a todo o custo maneira de se valorizarem — apesar de o consumo não estar a recuperar.

Nisto se reflecte a contradição fundamental do sistema capitalista na sua fase de putrefacção imperialista: de um lado, a tendência para o desenvolvimento ilimitado das forças produtivas, capazes de produzir mais do que aquilo de que a humanidade necessita para viver em condições adequadas; e, por outro lado, a busca do lucro, que passa constantemente pela destruição das forças produtivas, reduzindo ainda mais a capacidade do mercado para absorver tudo o que seria possível produzir.

Esta crise ficará indubitavelmente na história do capitalismo como a da mais gigantesca destruição de forças produtivas à escala mundial (para além das duas guerras mundiais do século XX). Do mesmo passo, porém, visto que é preciso, custe o que custar, conseguir lucros, vê-se borbulhar um novo surto de actividade económica parasitária, seja na forma de especulação, de economia do endividamento, de automação destrutiva de postos de trabalho ou, ainda, da economia do armamento.

**8/ Em plena crise da Covid, as cinco multinacionais da economia digital (Google, Amazon, Apple, Facebook, Microsoft) apresentaram lucros que bateram todos os recordes.** A sua

capitalização bolsista está hoje avaliada em 7 biliões (trilhões) de dólares (o equivalente ao PIB da Alemanha e da França juntas). Estando todas elas em situação de virtual monopólio nos seus mercados, beneficiaram amplamente da pandemia, com o desenvolvimento do teletrabalho e a digitalização dos processos produtivos. A afirmação da vontade de todos os governos de continuarem nesse caminho dá-lhes força. Viram o seu volume de negócios aumentar 40% desde o período anterior à pandemia. A fortuna dos chefes desses grupos atingiu novos picos, ultrapassando 500 mil milhões (bilhões) de dólares.

Estes monstruosos recordes ganham um significado tanto maior, quanto, ao mesmo tempo, os sectores mais antigos, do petróleo, da aeronáutica e do automóvel, se desmoronam. Desabam igualmente os chamados sectores de serviços dos quais, há alguns anos, se dizia que viriam salvar o emprego e que hoje liquidam empregos aos milhões.

**9/ Aqui se verifica, a uma escala sem precedentes, a análise de Marx segundo a qual “num determinado estágio do seu desenvolvimento, as forças produtivas transformam-se em forças destrutivas”,** colocando Marx na primeira fila dessas forças destrutivas “o maquinismo e o dinheiro”. O maquinismo que substituiu directamente o trabalho vivo (humano, produtor de mais-valia) por trabalho morto (a máquina, que transfere parte do seu valor, sem criar por si mesma valor novo) deu o lugar a um “supermaquinismo” que cumpre a mesma função a uma escala um milhão de vezes superior.

Como acontece com todo o progresso técnico e científico, seria concebível que, libertas da ditadura da produção subordinada exclusivamente ao lucro e postas ao serviço de um desenvolvimento harmonioso das forças produtivas, as novas tecnologias permitissem pôr termo à degradação física e moral do trabalhador, reduzir o tempo de trabalho necessário de cada um e libertar tempo livre para o desenvolvimento pessoal e

## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> actividades de lazer. Nesta sociedade capitalista, porém, é mortal a ilusão de que o uso de novas tecnologias melhore a sorte da classe trabalhadora. A realidade é o oposto. A economia digital funciona principalmente como força destrutiva massiva de trabalho humano: centenas de milhões de empregos destruídos ou ameaçados de destruição, destruição das garantias colectivas arrancadas pela classe trabalhadora no altar do trabalho remoto, da individualização, da externalização ou terceirização, da sub-contratação e do empreendedor individual.

Todas as necessidades humanas mais elementares ficam sujeitas a esta lógica do lucro. Assim, a luta feroz para ver quem é o primeiro a desenvolver vacinas não é uma luta para ver quem vai salvar a humanidade da pandemia, é uma luta entre Estados, entre multinacionais, cujos únicos motores são a apropriação de novas vias para o lucro.

O que é extensivo à dívida. Segundo uma projecção da agência de notação Standard and Poor's, só em 2020, a dívida global à escala mundial (dívida pública, dívida das famílias, dívida das empresas) terá experimentado um aumento de 10%. Terá alcançado o astronómico total de 200 biliões (trilhões) de dólares, o equivalente a mais de dois anos e meio do PIB mundial de produção de mercadorias. Esta dívida, cuja magnitude não tem precedentes na história, fabricam-na os governantes capitalistas ao inundarem os mercados com biliões (trilhões) de dólares fictícios. A intenção é encher imediatamente o balão da especulação. Mais além, porém, não sendo o regime capitalista derrubado antes, ela será usada para, durante décadas, em nome do reembolso, esmagar as classes trabalhadoras, desmantelando todos os seus direitos colectivos, e pressionar as nações dominadas.

O edifício da dívida mundial só se pode aguentar com base no poderio militar hegemónico do imperialismo americano. A dívida é, conseqüentemente, ela própria um motor da economia do armamento, que é outra das forças destrutivas. Em Outubro de 2020,

um comunicado de imprensa da NATO reportava o aumento dos gastos militares dos 30 países que compõem esta aliança encabeçada pelos Estados Unidos. Em plena recessão, os gastos militares aumentaram 4,3% em média nos países da NATO. Estes passaram a gastar mais de 1 bilião (trilhão) de dólares. O objectivo (que antes parecia difícil de alcançar) de 2% do PIB afectado à defesa militar em cada país da NATO já foi ultrapassado nos Estados Unidos, Grécia, Reino Unido, Estónia, Lituânia, Letónia e França. E foi-o não só como fruto da contracção do PIB, mas pelo aumento absoluto das despesas de armamento.

Este crescimento generalizado dos orçamentos armamentistas tem também que ver com o papel que desempenham de alavanca parasitária de uma economia capitalista falida. Porém, como força destrutiva por excelência que é, a indústria do armamento encontra-se em plena expansão, relacionando-se estreitamente com as guerras que se multiplicam, desfazendo e despedaçando os Estados-nação.

A nação foi constituída pela burguesia, na sua fase ascendente, como quadro em que as forças produtivas e a conquista do mercado mundial se pudessem desenvolver. O imperialismo em decomposição desafia a existência das nações, fazendo pressão por uma política de desarticulação e desmembramento. Esta reveste formas variadas, como por exemplo, na região do Sahel, a conjugação de grupos terroristas e intervenções militares imperialistas (nomeadamente a francesa). Ao povo palestino é denegado o direito à nação.

A bandeira da luta pela soberania das nações passou definitivamente para as mãos do proletariado.

A multiplicação de conflitos armados prepara a possibilidade de guerras a outro nível. Os trabalhadores não esquecem que, em 1945, o imperialismo americano não hesitou em destruir Hiroshima e Nagasaki no fogo nuclear para afirmar a sua posição preponderante à escala mundial. Hoje, independentemente dos riscos que

daí possam advir para a estabilidade da dominação capitalista, o recurso à guerra generalizada pode, a dada altura, afirmar-se como única maneira de tentar impor uma solução para a crise que estrangula o sistema capitalista.

**10/ Outra manifestação da barbárie capitalista pode observar-se dia após dia nas dezenas de milhões de homens, mulheres e crianças atirados para as estradas do exílio.** Destruídas as suas nações pela devastação das guerras fomentadas pelo imperialismo, pelos planos de ajustamento estrutural do FMI e do Banco Mundial, pelas políticas ditas de livre comércio das multinacionais. Imagens de fazer gelar o sangue, dezenas de milhar de pessoas oriundas de toda a África afogadas no Mediterrâneo, rohyn-gias massacrados e expulsos do seu país, jovens e trabalhadores metidos na prisão na fronteira entre o México e os Estados Unidos, com centenas de crianças fechadas em gaiolas e separadas das famílias, a incessante vaga de refugiados oriundos da Síria e do Médio Oriente, mantidos fora da Europa por arame farpado. Segundo relatórios das Nações Unidas, quase 80 milhões de pessoas viram-se, em todo o mundo, obrigadas a deixar os seus lares, tendo o número total de refugiados mais do que duplicado na última década.

**11/ Por outro lado, idênticas ameaças se multiplicam no que diz respeito à relação entre a humanidade e o seu ambiente.** Nós, participantes na Conferência de Alarme, partilhamos inteiramente o documento fundador da Aliança Internacional dos Jovens pelo Socialismo (de Setembro de 2019), quando reza que *“O socialismo não é uma utopia, é, muito simplesmente, a única via possível para proteger a humanidade e o seu ambiente e reabrir o caminho do progresso.”* A sobrevivência do sistema capitalista tem conseqüências destrutivas ilimitadas num número significativo de aspectos. Hoje a própria existência da humanidade se vê ameaçada e, com ela, inevitavelmente, por seu turno, o ambiente da humanidade. As

## MANIFESTO DE ALARME ●

duas questões relacionam-se intimamente.

Rejeitamos todas as tentativas para considerar que a ameaça ao ambiente é uma coisa em si mesma, separada das forças destrutivas da humanidade, a começar pela destruição da força de trabalho humana. Tal distinção acarreta inevitavelmente posições do jaez do movimento pelo decrescimento, que condena a “sociedade industrial” e o “sobreconsumo”, em vez de condenar o capitalismo como responsável pela destruição do ambiente da humanidade.

Tal posição leva, em nome da luta contra o aquecimento do clima, à união sagrada com a classe capitalista, que é, na realidade, a única força responsável pela proliferação das forças destrutivas da humanidade e da natureza.

O princípio organizador fundamental do regime da propriedade privada é o direito inalienável a extrair lucros da exploração quer da força de trabalho dos trabalhadores quer da natureza. Esta lógica só olha para um interesse de curto prazo. O desenvolvimento totalmente anárquico da produção capitalista tem acarretado consequências devastadoras para o ambiente. Dos subúrbios das grandes cidades da América Latina, onde a população vive no meio de inacreditáveis amontoados de detritos tóxicos, até ao desastre da empresa química de Bhopal, na Índia, passando pela contaminação dos recursos hídricos em Flint, no Estado do Michigan, até à destruição da Amazônia e de outras florestas essenciais, que desempenham um papel fundamental na preservação da camada de ozono, tudo isto reflecte que só se olha para o lucro a curto prazo.

Porém, é possível conceber uma sociedade capaz de levar em linha de conta não apenas as necessidades de curto prazo da humanidade, mas também as suas necessidades históricas de longo prazo. Tal sociedade não pode assentar na procura do lucro por uns poucos. Que assente na procura da satisfação das necessidades humanas e do desenvolvimento da humanidade numa relação totalmente diferente e harmoniosa com o seu ambiente. Isto implica, porém, acabar com o sis-

tema da propriedade privada dos meios de produção. Implica pôr na ordem do dia a socialização dos meios de produção, a sua apropriação colectiva, o que, por sua vez, coloca a necessidade de um governo da classe trabalhadora, um governo dos conselhos operários. E coloca, por conseguinte, a necessidade de uma revolução operária que ponha em causa o regime de exploração

**12/ Já sujeitos a tremendos golpes contra as suas condições de vida, ameaçados na carne e na vida, os trabalhadores de-frota-se com medidas antidemocráticas contra a liberdade de expressão e de organização, que os governos adoptam a pretexto da pandemia.** Abate-se sobre as suas mobilizações a mais brutal repressão, seja na Argélia, na Bielorrússia, na Rússia, no Mali, na China e em Hong Kong ou na Catalunha, no Estado espanhol. E também, de forma espectacular, nos Estados Unidos, onde o capital financeiro instiga uma situação de quase guerra civil contra o levantamento dos trabalhadores e da juventude contra o assassinato de negros vítimas de racismo institucional.

Esta mobilização generalizada de repressão policial e judicial generaliza-se igualmente a muitos países imperialistas de reputação democrática. Em muitíssimos regimes políticos sujeitos ao imperialismo, a tendência geral é para se acentuarem as derivas antidemocráticas, semi-ditatoriais (se não totalmente ditatoriais). Por toda a parte, tais medidas vêm a par de ataques às limitações que os trabalhadores, em décadas de lutas, impuseram ao livre jogo da exploração. Por toda a parte, as leis que protegem os trabalhadores estão ameaçadas ou são revogadas ou anuladas por uma desregulamentação generalizada. Assim, para dar só um exemplo, na Índia, o governo Modi, aproveitando-se da situação criada pela epidemia, tornou caducas as leis e regulamentos que obstavam aos despedimentos.

**13/ Noutra plano, os últimos meses ficaram marcados pela tentativa do imperialismo ame-**

**ricano e do Estado de Israel para acabar definitivamente com a revolução palestina,** em nome do “acordo do século” Trump-Netanyahu, com a cumplicidade dos regimes árabes reaccionários, que agora até já a exibem. Paradoxalmente, esta vontade de expulsar sem limites o povo palestino faz desabar toda a encenação da pretensa “solução de dois Estados”, tornando a perspectiva de um só Estado laico e democrático na única saída democrática possível.

**14/ Mas é um facto: a terrível destruição e devastação que os governos impõem a pretexto da pandemia só consegue alimentar o vento de revolta** contra os governos em exercício que tem varrido o planeta nos últimos meses. Das manifestações de protesto contra o assassinato de George Floyd e o racismo institucional nos Estados Unidos às manifestações de massa na Bielorrússia, passando pelas manifestações no Extremo Oriente russo, pelas greves operárias no Brasil, o Hirak na Argélia, a multiplicação de greves nos Estados Unidos e em França, a revolta no Líbano... A incapacidade dos governos capitalistas para levarem a sua política de união sagrada até às últimas consequências é, em grande parte, fruto da rejeição dessa política de destruição por parte da classe trabalhadora e dos povos, que, instintivamente, por vezes confusamente, buscam o caminho para a organização e acção independentes.

Por um lado, o capitalismo exibe a sua falência à vista de todos. Por outro lado, milhões de trabalhadores e jovens ganham cada dia mais consciência de que é o próprio sistema capitalista que está em causa. Milhões e milhões sentem-se assim animados, impelidos pelas circunstâncias, a alargar a luta de resistência contra os golpes que lhes são infligidos. Esta contradição determina a grande fragilidade da situação dos governos. Estes precisam já de desferir os golpes mais destrutivos que puderem, já de evitar destabilização política de maior, em que as massas procurem corrê-los. As palavras de ordem “*Governo para a rua!*”, “*Abaixo o sistema!*” e “*Fora*



## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> *com eles todos!*", que ressoaram em Agosto pelas ruas de Beirute, acabam dando a volta ao mundo. Informam a profundidade da crise que assola o imperialismo mais poderoso, os Estados Unidos. Manifestam-se na crescente desarticulação da Europa, vendo-se todos os regimes imperialistas europeus, em situação crítica, mergulhados em novas contradições uns com os outros e com o imperialismo americano.

No mundo inteiro, os alicerces do sistema capitalista vacilam, presos entre a bigorna de sua própria crise de decomposição e o martelo do movimento de massas. É por isso que têm de fazer tudo, tanto na óptica dos governos imperialistas e seus partidários directos como na dos aparelhos oriundos das velhas organizações do movimento operário, para ocultar que o que se está a passar é uma guerra de classes. É-lhes necessário acreditar a ideia de que a pandemia é uma espécie de catástrofe a que todos, patrões e trabalhadores, ricos e pobres, estão expostos em pé de igualdade e de que, consequentemente, é cerrando fileiras e apoiando os planos de emergência que distribuem biliões (trilhões) aos capitalistas que se poderá encontrar soluções. É a explicação que a maior parte dos aparelhos que ocupam as cúpulas das organizações operárias avançam para justificar a sua adesão à união sagrada, não sendo excepção os renegados da IVª Internacional que com ela romperam na crise de 2015 e que, no espaço de poucos meses, demonstraram o seu apoio ao regime bonapartista corrompido e execrado pelas massas (na Argélia, o de Bouteflika, e também à monarquia franquista contra a República Catalã), deram o seu apoio de facto à candidatura de Biden e ao Partido Democrático dos Estados Unidos e, em França, apoiam a co-organização, entre o governo e certos aparelhos sindicais, de golpes infligidos aos trabalhadores.

**15/ Ajudar a classe trabalhadora a abrir caminho à emancipação implica lutar contra a união sagrada.** Escrevíamos na declaração de 24 de Março: *"Apesar das suas declarações tonitru-*

*antes e das suas promessas actuais, todos estes governos capitalistas são, pois, responsáveis e culpados pela barbárie que a pandemia revela. Nestas condições, não é vergonhoso ver como, em tantos países do mundo, os dirigentes das organizações políticas que falam em nome dos trabalhadores aderem à "unidade nacional" com os governos capitalistas? Não é uma vergonha ver os partidos que falam em nome dos trabalhadores apoiarem os governos capitalistas em funções, exactamente quando estes põem à votação, em vários parlamentos, medidas de "estado de emergência" que agravam a ofensiva dos governos capitalistas contra as conquistas sociais e as liberdades democráticas? Os trabalhadores sabem muito bem que as medidas sanitárias para abrandar a epidemia são necessárias. Mas nem por isso tiram daí a conclusão de que não-de cair na armadilha da "unidade nacional" que os exploradores e os seus governos lhes estão montando. Os trabalhadores têm o direito de exigir a todas as organizações que falam em seu nome que rompam de imediato com a "unidade nacional" que os seus dirigentes selaram com os governos capitalistas.»*

Nada do que está acontecendo hoje seria possível sem esta união sagrada de facto, selada à escala internacional e em cada país. A união sagrada de 2020 nem sempre reveste a mesma forma da união sagrada de 1914-1918 (embora às vezes o faça). Não implica necessariamente a participação em governos imperialistas (embora em muitos países seja essa a situação). A união sagrada de facto hoje selada pelos dirigentes do movimento operário oficial na maioria dos países baseia-se na submissão ao regime de propriedade privada dos meios de produção. Ora, a fonte da maior crise que a humanidade enfrenta é precisamente esse regime. É o facto de os aparelhos dirigentes do movimento operário aceitarem pôr-se às suas ordens que cria o quadro que torna possível pôr em prática as políticas desastrosas.

Exagero da nossa parte? Em todas as latitudes, temos visto os dirigentes dos principais partidos

que fazem referência aos trabalhadores darem o seu apoio — directo ou indirecto — aos planos de resgate do capital e da banca. Em França, foi por unanimidade que os deputados do Partido Socialista, do Partido Comunista Francês e de *La France insoumise* votaram, em 19 de Março, na Assembleia Nacional, a favor do plano proposto por Macron, que oferece à banca e aos capitalistas 343 mil milhões (bilhões) de euros (entretanto passaram a 560 mil milhões (bilhões)!). Na Grã-Bretanha, não só os deputados do Partido Trabalhista (incluindo a ala "esquerda" do partido) participaram activamente no consenso que permitiu aprovar um plano de resgate análogo, sem o parlamento sequer ser chamado a votar, como a direcção do TUC ainda propôs ao governo conservador (com o aval da direcção trabalhista) a constituição de um "comité de recuperação nacional" que tem uma única finalidade: acorrentar os sindicatos operários ao patronato e ao governo. Na Bélgica, os dirigentes do PS votam "poderes especiais" para o governo burguês. Na Alemanha, a direcção do SPD está há já muito tempo atolada no "bloco central" com os partidos burgueses. No Estado espanhol, é o governo do Partido "Socialista", o PSOE, com Podemos e os restos do Partido Comunista, quem está directamente na ponte de comando do Estado a salvar os capitalistas em prejuízo dos trabalhadores, tal como, em Portugal, foi sob a égide de um governo do PS que se decretou o estado de emergência e se proibiram as greves em nome da luta contra a pandemia. E que dizer do voto, no Brasil, dos parlamentares do Partido dos Trabalhadores, do Partido Comunista do Brasil e do PSOL a favor das medidas do governo Bolsonaro-Mourão de congelamento dos salários dos funcionários públicos, de redução dos salários do sector privado e de oferecer 1,2 biliões (trilhões) de reais de presente à banca e aos capitalistas? E poderíamos dar muitos outros exemplos.

**16/ Compete a quem quiser permanecer fiel à luta histórica da classe trabalhadora afirmar em**

## MANIFESTO DE ALARME ●

**todas as circunstâncias** a perspectiva do socialismo e, portanto, do governo dos trabalhadores que procederá à socialização dos meios de produção. No imediato, isto passa, para garantir o futuro da humanidade, pela necessidade de um plano de emergência de salvaguarda da classe trabalhadora. Os revolucionários proletários são os únicos capazes de colocar esta questão em toda a sua dimensão. Por exemplo, tal plano, baseado nas necessidades da humanidade e não no lucro, importa forçosamente na necessidade de proibir os despedimentos, ou seja, no princípio de que a economia deve ter como plataforma fundamental a manutenção do emprego. É altura de avançar a palavra de ordem do programa de transição *“repartir o trabalho disponível entre todas as mãos sem redução de salários”*, e se para isso for preciso confiscar os lucros capitalistas e os biliões (trilhões) que lhes são distribuídos pelos governos em funções, confisquem-se, levantando a questão da *“nacionalização sem indemnização nem resgate”*, ou seja, da expropriação.

No período em que entrámos, cumpre aos partidários da reconstituição da IVª Internacional aplicar o método do *Programa de Transição*, partindo da necessidade de reorganizar o conjunto da produção e da sociedade com base no direito do povo trabalhador a viver. O plano de reconstrução do proletariado dá prioridade à edificação de uma indústria nacionalizada de produção de vacinas (logo que estas estejam disponíveis ao público), à produção de máscaras e testes de rastreio, à produção de camas hospitalares, à formação de enfermeiras, cuidadores, médicos como prioridade nacional. Construam-se hospitais, reabram-se os que se fecharam, relance-se a produção, o funcionamento dos meios de transporte indispensáveis, contratem-se professores, construam-se escolas, possibilitando turmas pequenas e o acatamento da distância física. É agora ou nunca que há que fabricar mais e mais comboios onde eles foram suprimidos, fabricar computadores para que cada criança obrigada pelos go-

vernos ao ensino à distância possa dispor de computador, etc.

Do Líbano aos Estados Unidos, da Bielorrússia à França, a cada mobilização de massas se ouve ressoar nos desfiles a palavra *“revolução”*. São milhões que assim exprimem a sua exigência de correr com os regimes estabelecidos e romper com as instituições existentes. Muitos destes processos realçam a plena actualidade da teoria marxista da revolução permanente: a mínima reivindicação democrática, a mínima reivindicação a favor da soberania nacional dos povos oprimidos colide com o imperialismo em apodrecimento, fazendo da classe operária a única força social capaz de encabeçar a luta pela democracia e pela soberania, ligando estas tarefas à luta pelo socialismo.

Há um abismo entre a natureza objectivamente proletária de muitos processos revolucionários em curso e a consciência que deles têm os seus protagonistas. Esse fosso reflecte até que ponto a crise da humanidade exige, para se resolver, que se resolva a crise de direcção da classe operária. Como afirma o *Programa de Transição*, *“superar a contradição entre a maturidade das condições objectivas da revolução e a imaturidade do proletariado e da sua vanguarda constitui a razão de ser da IVª Internacional. A tarefa é mais urgente do que nunca”*. É isso que está em jogo na luta pela reconstituição da IVª Internacional.

**17/ Nas primeiras semanas da segunda guerra imperialista, Trotsky formulou o seguinte prognóstico num texto intitulado “A URSS na Guerra” (25 de Setembro de 1939):** *“Se esta guerra provocar a revolução proletária, como firmemente acreditamos, ela acarretará inevitavelmente o derube da burocracia na URSS e a ressurreição da democracia soviética em bases económicas e culturais infinitamente mais elevadas do que em 1918. (...) Se, pelo contrário, considerarmos que a guerra actual trará não a revolução, mas a derrota do proletariado, então só haverá outra saída desta alternativa: a decomposição continuada do capitalismo monopolis-*

*ta, a sua fusão ainda maior com o Estado e o desaparecimento da democracia onde esta ainda se mantinha, substituída por um regime totalitário. A incapacidade do proletariado para assumir a direcção da sociedade poderá, de facto, em tais condições, acarretar o surgimento de uma nova classe exploradora saída da democracia bonapartista e fascista. Seria, com toda a probabilidade, um regime de decadência, que significaria o crepúsculo da civilização. Chegar-se-ia a resultado idêntico no caso, também, em que o proletariado dos países capitalistas avançados, depois de conquistar o poder, se mostrasse incapaz de mantê-lo, entregando-o, como na URSS, a uma burocracia privilegiada. Seríamos então forçados a admitir que a recaída burocrática não se devia ao atraso do país e ao cerco capitalista, mas à incapacidade orgânica do proletariado para se tornar em classe dirigente. Será, nesse caso, necessário concluir retrospectivamente que, nas suas características fundamentais, a actual URSS é a precursora de um novo regime de exploração à escala internacional.”*

Voltando a pegar, em novos moldes, neste mesmo prognóstico alternativo, Trotsky adianta: *“Se, contra toda a probabilidade, a Revolução de Outubro não encontrar prolongamento, no decurso da guerra actual ou imediatamente depois, num ou noutro país avançado; e se, pelo contrário, o proletariado for repellido por toda a parte e em todas as frentes, então teremos com certeza que haver-nos com a questão de rever a nossa concepção da época actual e suas forças motrizes, não sendo a questão saber que rótulo colar à URSS ou à camarilha estalinista, mas reavaliar as perspectivas do mundo para as décadas, senão séculos, vindouras: entrámos realmente na era da revolução social e da sociedade socialista ou, pelo contrário, na era da sociedade decadente da burocracia totalitária?”*

Este prognóstico alternativo não se concretizou, obviamente, nos moldes em que Trotsky o articulou. A questão permaneceu

## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> mais ou menos em suspenso enquanto o destino da URSS não ficou resolvido. Ressurgiu com alguma força depois de 1989-1991, quando ficou claro que, apesar de indiscutíveis revoltas dos trabalhadores, a classe operária da ex-União Soviética não levou a efeito uma revolução política que derrubasse a burocracia e restaurasse a democracia dos soviets. Não se tendo o prognóstico de Trotsky materializado na forma por ele indicada — visto que a revolução proletária não surgiu vitoriosa da Segunda Guerra Mundial, tal como a revolução política não surgiu na ex-URSS — será forçoso concluir que a perspectiva da revolução proletária deixara de estar na ordem do dia? Ter-se-á de concluir que a IVª Internacional perdera a razão de ser?

Este prognóstico alternativo merece reavaliação. Antes de mais, porém, recordemos, a quem pretenda ironizar sobre o erro de prognóstico de Trotsky, aquilo que o próprio Trotsky escrevia acerca de prognósticos: *“O prognóstico histórico é sempre condicional e tanto mais condicional quanto mais concreto for. Não é uma letra cujo pagamento seja exigível em data certa. O prognóstico limita-se a focar determinadas tendências de desenvolvimento; só que, em paralelo, há forças e tendências de outra ordem que actuam e, a determinada altura, passam para primeiro plano. Quem desejar uma previsão exacta dos acontecimentos concretos, vá ter com astrólogos. O prognóstico marxista só ajuda a orientar.”* (Balanço da experiência finlandesa, 25 de Abril de 1940).

É claro que o primeiro termo da alternativa (o da vitória da revolução proletária no rescaldo da Segunda Guerra Mundial) não se materializou. Mas é forçoso notar que tão-pouco se concretizou o segundo termo da alternativa: não houve nem fusão do capitalismo monopolista com o Estado, nem desaparecimento da democracia em proveito de um regime totalitário (embora os elementos de democracia política à escala internacional sejam cada vez mais ténues e os elementos de totalitarismo cada vez mais

marcados em todos os países capitalistas desenvolvidos). Tão-pouco se deu, para já, surgimento e hegemonia de uma burocracia privilegiada. A burocracia desfez-se, enquanto tal, depois de 1989-1991, transformando-se em outros tantos gangues mafiosos, mais ou menos interligados, mas, acima de tudo, subordinados ao imperialismo mundial. Também não é verdade que, a seguir à Segunda Guerra Mundial, o proletariado tenha sido repellido em toda a parte e em todas as frentes. Partindo dos factos do processo histórico tal como se desenvolveu, temos que analisar por que razões o prognóstico de Trotsky não se concretizou e, por outro lado, apurar com rigor o desenrolar dos acontecimentos e as consequências que hoje tem.

Sim, houve processo revolucionário proletário à escala mundial no final da Segunda Guerra Mundial: explosões revolucionárias, constituição de órgãos operários na quase totalidade do continente europeu, a independência da Índia, que abriu todo um ciclo de descolonização, vitória do processo revolucionário na China (embora com o poder político imediatamente confiscado pela burocracia proveniente do aparelho do estalinismo, não deixando, contudo, de se proceder à expropriação das relações de propriedade capitalistas no país mais populoso do mundo). A expropriação do capital por meios burocrático-militares impôs-se também na metade oriental da Europa e, sob outros moldes, processos comparáveis ao da China ocorreram no Norte da Coreia e no Vietname.

Nos próprios países capitalistas, desenvolveu-se uma poderosa vaga revolucionária proletária, ameaçando a dominação capitalista em França e na Itália. Foi necessária toda a cooperação contra-revolucionária entre o imperialismo e a burocracia estalinista para conseguir impor a ordem contra-revolucionária através da divisão da Europa e do mundo em zonas de influência. Nos países capitalistas desenvolvidos, os aparelhos, e especialmente o aparelho estalinista, aureolado da vitória

contra o nazismo (em que os povos da União Soviética desempenharam um papel fundamental), desempenharam um papel essencial no restabelecimento da ordem burguesa. Só que isso teve um certo custo: a burguesia teve de conceder conquistas consideráveis à classe trabalhadora. Era o preço a pagar para restabelecer o regime de exploração capitalista. Contudo, contraditoriamente e de forma dialéctica, isso reforçou consideravelmente o peso social e político do proletariado, permitindo-lhe apoiar-se naquelas conquistas, as mesmas que, setenta anos depois, estão longe de estar completamente desmanteladas (embora tenham sofrido golpes duros desde que foram instauradas). Este processo teve o efeito de, por via das conquistas salariais e outras dos trabalhadores, constituir um mercado consumidor nos países desenvolvidos, que alimentou, por algum tempo, um surto da produção. À escala internacional, o movimento da classe operária pôde igualmente apoiar-se no facto de, nos anos quarenta e cinquenta, quase metade da população mundial viver em países onde as relações de propriedade capitalistas haviam sido expropriadas. Porém, contraditoriamente, outro efeito foi fortalecer-se o aparelho contra-revolucionário do estalinismo e, mais geralmente, os aparelhos contra-revolucionários dentro do movimento operário, dando-lhes maior capacidade para conter e depois reverter as vagas revolucionárias.

Em seguida, até ao final da década de oitenta, o imperialismo, enquanto cultivava uma aliança contra-revolucionária com a burocracia estalinista (o preço para manter a ordem mundial contra a classe trabalhadora), aproveitou todas as oportunidades para lançar uma ofensiva com mira no restabelecimento do capitalismo em todos os países onde ele havia sido expropriado.

No entanto, sabemos que a burocracia estalinista, cujo destino dependia da manutenção da propriedade do Estado na ex-URSS, se mostrou incapaz de defendê-la (neste caso, cumprindo o prognós-



## MANIFESTO DE ALARME ●

tico de Trotsky). A braços com o processo de revolução política na Hungria, Polónia e Checoslováquia e com o desenvolvimento do cada vez mais poderoso movimento proletário, inclusive na ex-URSS, a burocracia acabou por sofrer o golpe de morte com o desenvolvimento do processo revolucionário na Alemanha, que, em 1989, impôs a unidade da classe trabalhadora alemã contra a sacra aliança entre o imperialismo e a burocracia.

Do mesmo passo, porém, na ausência de um partido revolucionário da IVª Internacional em luta pela unidade socialista da Alemanha, os aparelhos conseguiram conter o movimento revolucionário do proletariado alemão. Se foi este a impor a unidade da Alemanha, o imperialismo e os aparelhos actuaram no sentido de essa unidade se enquadrar na extensão do regime de propriedade privada dos meios de produção (e não do da propriedade estatizada) a toda a Alemanha. A consequência disto foi que o desmantelamento da propriedade do Estado e a privatização produziram uma destruição terrível.

Ainda assim, não se pode deixar de notar que deste processo não emergiu uma casta burocrática que estendesse os seus tentáculos à escala mundial, nem que o capitalismo tenha experimentado um novo surto. Pelo contrário: foi (conforme analisado durante a conferência de reproclamação da IVª Internacional) o ponto de partida para um processo de decomposição acelerada do capitalismo. As mafias originadas pela ex-burocracia prefiguraram uma “mafização” geral da economia mundial. A economia parasitária e a pilhagem tornaram-se norma.

Nos últimos trinta anos, face a tais processos de decomposição, a luta de classes surgiu mais do que nunca como motor da história. O regime social em vigor ainda é o da exploração da força de trabalho, da extorsão de mais-valia em condições cada vez mais difíceis de valorização do capital. E este regime de exploração alimenta mais do que nunca a resistência à exploração. As leis

do capital cumprem-se em condições cada vez mais difíceis, salientando cada vez mais o beco sem saída de um capitalismo sem futuro, que, nos termos do prognóstico de Trotsky, conduz à barbárie.

Mas a barbárie ainda não é facto consumado. O socialismo, assente na socialização dos meios de produção, aparece como única alternativa. Há menos razão do que nunca para abandonar o terreno do proletariado. Os que provocaram a cisão de 2015 aderiram ao pior do reformismo, aquele que acompanha as contra-reformas e destrói as conquistas. Juntaram-se a Bouteflika, ao Partido Democrata nos Estados Unidos, a Lula no Brasil e, contra o movimento operário, a movimentos como os coletes amarelos em França. Mas o movimento da classe trabalhadora continua a desenhar a única saída alternativa para a situação. Isso implica dar toda a importância à ajuda a dar à recomposição do movimento operário com um novo eixo, o da independência de classe. O papel específico dos militantes que lutam pela IVª Internacional no terreno do marxismo é dar-lhe o seu contributo.

**18/ As relações entre a China e os Estados Unidos têm sido marcadas por uma escalada crescente em todo o período que antecedeu a eclosão da pandemia.** As raízes dessa escalada prendem-se com a própria natureza do Estado chinês. A República Popular da China nasceu de um processo revolucionário que, em 1949, acabou no derrube revolucionário do poder da burguesia. A sua peculiaridade foi que, logo que a burguesia foi derrubada, o poder político foi confiscado por uma camada social que escapava ao controlo dos trabalhadores: a burocracia que emergiu do aparelho do estalinismo.

É indiscutível que essa burocracia tem trabalhado sistematicamente, principalmente nas últimas décadas, no sentido da abertura da economia chinesa, assente, desde 1949, no monopólio da propriedade estatal, abrindo-a à penetração imperialista, muito particularmente das multinacionais norte-americanas.

A especificidade da propriedade estatal reflectiu-se na própria maneira como a direcção chinesa lidou com a pandemia. Obrigada a mobilizar os imensos recursos da propriedade do Estado, a direcção do Partido Comunista Chinês conseguiu, é um facto, levantar do chão hospitais em poucos dias (o que não aconteceu em nenhuma das potências capitalistas da Europa e da América do Norte). Porém, depois de ter mobilizado esses meios gigantescos (o que foi possível porque é a burocracia que centraliza o poder do Estado e o próprio Estado ainda centraliza a propriedade de vastos sectores das forças produtivas), a burocracia chinesa apressou-se a fazer a classe trabalhadora pagar as consequências da situação. Não se podia em absoluto permitir que os trabalhadores sentissem incentivo para agir no seu próprio terreno. De maneira alguma se podia deixar que a classe operária chinesa aproveitasse a oportunidade para intervir. Daí as medidas particularmente brutais contra os trabalhadores e a juventude em Hong Kong, que servem para aterrorizar não apenas essa parte do povo chinês, mas, através dela, todos os sectores do proletariado.

Tanto mais que, ao contrário de toda a retórica de propaganda interessada que há anos retrata a China como novo El Dorado do capitalismo, a brutalidade da crise provocou a destruição de 200 milhões de empregos na China. Nisto se encerra todo o aspecto contraditório da situação. A burocracia chinesa, que forneceu às multinacionais do mundo inteiro uma mão-de-obra privada de direitos, criou condições para uma rápida e considerável concentração das forças produtivas (à custa da destruição de forças produtivas noutros países). Ao fazê-lo, aumentou a sua dependência do mercado mundial e, justamente, a sua dependência do capital financeiro norte-americano. Quando a crise chegou, a destruição massiva de forças produtivas foi directamente projectada na China, cujas mercadorias (ao contrário da fase anterior) deixaram de ser bem-vindas no mundo inteiro e cuja força

## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> de trabalho deixou de ser precisa. A China sofreu o impacto directo da economia mundial a desmanchar-se.

Resolve-se, assim, a pergunta periodicamente formulada pela imprensa capitalista, a saber: pode a hegemonia americana na economia mundial ser ameaçada pela “concorrência chinesa”? Não, de maneira nenhuma. Desde que o capitalismo chegou ao seu estágio supremo, as potências imperialistas deixaram de tolerar o desenvolvimento de uma industrialização autónoma de países “emergentes”, cuja economia não podia doravante ser mais do que uma peça da divisão mundial do trabalho controlada pelo imperialismo internacional. A violência de Trump e da sua administração contra a China, de há anos, atesta não ser aceitável para o imperialismo americano que se dê seja que desenvolvimento económico for, ainda por cima num país em que, em consequência da revolução de 1949, a base social da economia é a expropriação do capital.

Hoje, a China, os seus 350 a 400 milhões de proletários, sofre o impacto directo da crise mundial. Na fase anterior, a China desempenhou um papel estabilizador essencial para o imperialismo, fornecendo-lhe uma mão-de-obra susceptível de sobre-exploração, controlada pelo aparelho burocrático e pelo seu arsenal repressivo. Não deixa, porém, de ser menos verdade que esta complexa interdependência entre a China e os Estados Unidos não destruiu, para já, a base social que se cristaliza na propriedade do Estado.

Os planos de recuperação da China diante da crise esbarram no facto de que aumentar a produção depende da chamada do mercado mundial. A economia chinesa depende demasiado do mercado mundial para que um plano de recuperação possa assentar essencialmente, ou mesmo principalmente, na recuperação do consumo interno. O sector exportador é um motor indispensável e primordial para o funcionamento da economia como um todo. Neste contexto, o imperialismo tem multiplicado as amea-

ças, inclusive militares, contra a China, na mira de destruir os obstáculos à livre circulação de mercadorias e capitais que, por enquanto, ainda impedem o desabamento definitivo da propriedade do Estado. Não é tolerável para ele que esta economia de enormes dimensões possa ser controlada por outra coisa que não a necessidade de lucro e, portanto, as necessidades do próprio imperialismo americano.

Para a IVª Internacional, é claro que a ofensiva do imperialismo americano tem como objectivo levar até às últimas consequências o desmantelamento da propriedade do Estado na China, como fez outrora com a União Soviética. Se conseguir, será um golpe fortíssimo não apenas contra o proletariado chinês, mas contra o proletariado mundial. É por isso que a IVª Internacional se pronuncia pela defesa incondicional da China contra o imperialismo americano. Incondicional significa sem pôr “condições” à burocracia. Nesse apoio não cabe, com efeito, a mínima ilusão de que esteja atribuída à burocracia uma missão historicamente progressista.

A resistência da classe operária chinesa põe no centro a exigência da democracia. É por isso que a IVª Internacional, incondicionalmente favorável à defesa da propriedade do Estado na China, não confia nenhuma missão histórica à burocracia, considerando que a forma mais segura de preservar as conquistas da revolução de 1949 é o combate através do qual a classe trabalhadora chinesa, com todas as suas componentes, procura impor o seu direito de se organizar e de construir as suas organizações independentes. É no terreno da sua independência (inclusive do aparelho de Estado burocrático) que a classe trabalhadora chinesa conseguirá preservar as suas conquistas. Para a IVª Internacional, o destino dos trabalhadores chineses é indissociável da luta de classes internacional.

**19/ A nossa conferência de alarme do CORQI realiza-se um dia depois das eleições presidenciais americanas.** Dada a proemi-

nência do imperialismo americano no mundo, estas eleições são, em si mesmas, um acontecimento internacional.

A palavra de ordem de Trump, “America First”, pautou toda a política externa dos Estados Unidos. Esta política não se determinava pelo estabelecimento de uma “ordem mundial”. Visava a afirmação da hegemonia capitalista americana por todos os meios e em todos os moldes. Nesse propósito, Trump virou as costas a uma série de instituições multilaterais internacionais: a ONU, o FMI, a OMS, a OIT, etc. Biden, o sucessor de Trump, não vai fazer marcha atrás na afirmação e vontade de expansão do poder económico do capital financeiro dos Estados Unidos. É facto que, na campanha eleitoral, ele disse que actuaria nesse sentido, restaurando a presença dos Estados Unidos numa série de instituições multilaterais da velha “ordem mundial”, no objectivo de dar uma aparência de legitimidade à procura permanente de expansão do imperialismo americano. Do mesmo modo que irá tentar reconstituir estruturas de parceria social, no propósito de co-optar internamente e de aliciar os dirigentes sindicais a aceitarem a destruição de empregos e serviços sociais nos Estados Unidos, Biden declarou que renovaria alianças no plano internacional, de modo a dar cobertura à ofensiva crescente do imperialismo contra os trabalhadores e os povos oprimidos de todo o mundo.

Anunciou, assim, que voltaria a aderir aos acordos de Paris sobre o clima, que restauraria o papel dos EUA na NATO, que voltaria a integrar a parceria transpácífica. Esta fachada será reactiva, disse, visando restaurar a posição de global leadership dos Estados Unidos e, fez questão de acrescentar, repelir as ameaças crescentes “à nossa segurança nacional”.

Levará Biden realmente a efeito este programa? Ou vai continuar mais ou menos pelo caminho por que Trump enveredou? A resposta a esta pergunta fica para depois, prendendo-se com a necessidade que o novo presidente

## MANIFESTO DE ALARME ●

eleito sentirá de defender por todos os meios necessários os interesses específicos do capitalismo americano.

A Palestina é uma das questões em jogo. Trump rejeitou qualquer solução dos chamados “dois Estados”, transferindo a embaixada americana para Jerusalém. Deu carta branca aos ataques crescentes do Estado de Israel contra o povo palestino. Fez pressão para que os Estados árabes reconhecessem o Estado sionista, o que corresponde igualmente à política de Biden. Irá Biden ressuscitar o projecto de pretensa solução de dois Estados, continuando, do mesmo passo, a estrangular Gaza e a estender colónias israelitas, que criam bantustões cada vez mais minúsculos e expulsam os palestinos das suas terras? Ou irá mais ou menos aceitar o que Trump fez como facto consumado e desistir, por exemplo, de voltar a transferir a embaixada de Jerusalém para Tel Aviv? Em breve o saberemos.

Seja como for, Biden irá esforçar-se por impor a hegemonia imperialista americana por todos os meios necessários.

**20/ São estas as condições em que se há-de mover a ajuda à reconstrução do movimento operário com o eixo da independência, o que só é possível se o ponto de partida for a situação internacional da classe operária.** A pertinência das palavras de ordem do programa de transição, partindo de reivindicações imediatas para invariavelmente apontar à necessidade de a classe trabalhadora tomar o poder nas suas mãos, é hoje mais crucial do que nunca. Deriva daí a necessidade de trabalhar pela reconstrução da representação política da classe trabalhadora.

Avançar pela reconstituição da IVª Internacional é inseparável de ajudar o processo em que correntes, militantes, grupos e organizações provenientes da experiência da classe trabalhadora em diferentes países e continentes se sentem levados a pôr o problema de construir partidos operários independentes. Os militantes que

se juntam em torno do programa da IVª Internacional não têm a pretensão de ditar os seus pontos de vista, mas aspiram a fazer parte integrante desse processo em diálogo fraterno e acção conjunta no âmbito do Comité Operário Internacional pela Internacional Operária, não deixando de manter a sua independência de expressão e propaganda a favor das posições da IVª Internacional. As organizações do CORQI contribuirão, com militantes de todas as tendências, para a realização do inquérito internacional da iniciativa do COI de preparação da segunda conferência internacional contra a guerra e a exploração. Partindo das consequências da pandemia para a classe operária e os povos de todo o mundo, este inquérito contribuirá, baseando-se na realidade dos factos, para apurar a responsabilidade dos governos capitalistas e dos que se lhe submetem.

**21/ Conforme determinámos, a situação caracteriza-se por, em todos os países e em todos os continentes, as direcções das organizações historicamente constituídas pela classe trabalhadora, os partidos e sindicatos, se terem comprometido na união sagrada com os governos burgueses.**

Afirmá-lo não significa, todavia, que os trabalhadores tenham desistido de usar tais instrumentos, historicamente nascidos da sua luta de classes, para defender os seus interesses. As situações são diferentes de país para país, dependendo das tradições nacionais da luta de classes. Mas é assente que, sendo todos eles embora, cada um à sua maneira, parte integrante da união sagrada, não é o mesmo o lugar de partidos e sindicatos. Os sindicatos mantêm geralmente com a classe trabalhadora, da qual constituem “a forma elementar de frente única” (Trotsky), uma relação diferente da dos partidos. Mantêm-se eles, em determinados países, organicamente vinculados a partidos operários, ou, noutros, não, a verdade é que o poder da luta de classes faz com que os trabalhadores, na “base”, vão ter com

o que, em particular no caso das organizações sindicais, são instrumentos seus. O aparelho “operário-burguês” da maioria das organizações sindicais tradicionais vai sendo cada vez mais burguês (isto é, subordinado ao Estado) à medida que se sobe para a cúpula; e cada vez mais operário, isto é, vinculado às reivindicações da classe operária e ao seu movimento, quanto mais se for descendo para “a base”. O que não significa que, mesmo na base, não esteja subordinado ao aparelho burguês. A independência total do Estado e da classe capitalista só é possível quando os sindicatos são dirigidos por militantes conscientemente comprometidos na via da revolução proletária e, portanto, com o programa da IVª Internacional.

Em todos os países, o movimento da classe trabalhadora dirige-se às organizações sindicais para as greves e mobilizações e mesmo para lutas políticas. Em numerosos casos, acaba por obrigar as cúpulas a não levarem até às últimas consequências a integração corporativa. É este movimento da classe trabalhadora que preserva o aspecto operário das organizações sindicais. Por isso, mais do que nunca, é crucial cumprir a recomendação do *Programa de Transição* sobre os sindicatos: “*Estabeleça-se neste ponto este princípio inabalável: o auto-isolamento capitulacionista fora dos sindicatos de massas, equivalendo a trair a revolução, é incompatível com a filiação na IVª Internacional.*” Lembremos o que Trotsky escreveu no último texto que escreveu antes de ser assassinado: “*Toda a organização, partido ou fracção que tome uma posição ultimata para com os sindicatos, virando, na prática, costas à classe operária simplesmente por as organizações desta não lhe darem jeito, está condenada a sucumbir.*” Lembremo-nos de como Trotsky trata esta questão: “*Em França, na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, como nos outros países, os sindicatos apoiam a fundo a política contra-revolucionária das suas burguesias. Isso não nos impede de chamar a esses sindicatos sindicatos, de apoiar cada passo*



## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> *progressista que eles possam dar e de defendê-los contra a burguesia.*” Portanto, um sindicato pode ser dirigido por um aparelho contra-revolucionário que defende a burguesia e dar passos progressistas que façam com que o defendamos contra a burguesia. Não é contraditório. Trotsky continua: *“No nosso ponto de vista, o sindicato tem de ser uma organização de luta de classes. Que atitude adoptar para com a American Federation of Labor (organização sindical americana muito direitista)? Os seus dirigentes são agentes notórios da burguesia, em todas as matérias fundamentais levam a cabo uma política contraditória com os interesses do proletariado. Este aparelho passou a ser um factor reaccionário. Não decorre, porém, disto que a AFL deixe de ser uma organização sindical.”* Trotsky aprofunda: *“O carácter de classe do Estado é definido pela sua relação com as formas de propriedade dos meios de produção. O que define uma organização operária como sindicato é a sua relação com a repartição do rendimento nacional.”*

Por outras palavras, o sindicato que não faça mais nada senão defender — ainda que “só” defender — a parte que a classe operária consegue no rendimento nacional é um factor de defesa da classe operária, apesar de, no mais, se adaptar completamente ao governo. Trotsky acrescenta: *“Para não romper com a sua base, a direcção da AFL é obrigada, dentro de certos limites [tudo se condensando, evidentemente, nesta formulação], a dirigir a luta dos trabalhadores pelo aumento dos salários ou, pelo menos, contra a diminuição da parte a eles reservada no rendimento nacional. Este sinal objectivo basta para nos permitir, em todas as ocasiões importantes, traçar uma linha de demarcação entre os sindicatos mais reaccionários e as organizações amarelas, e tal razão obriga-nos a defender a AFL.”*

Isto, porque a classe operária nada é sem organização.

No período mais recente, há correntes — as mesmas que desistem de lutar para acabar com o sistema capitalista — que apelam a abandonar todas as formas de

organização do movimento operário (sindicatos e partidos) e à dissolução em movimentos informais que renegam qualquer carácter de classe. A IVª Internacional rejeita sem equívoco possível todas as tentativas tendentes a negar a necessidade de construir organizações de classe.

### **22/ “Lugar à juventude! Lugar às mulheres trabalhadoras!”**

O apelo lançado nas páginas de conclusão do programa de fundação da IVª Internacional encontra reflexo na actividade das organizações do CORQI.

A defesa dos direitos específicos das mulheres trabalhadoras reveste, na actual situação, importância especial. São elas as primeiras vítimas da política dos governos. A situação vivida nos meses recentes confirma-o: estando na primeira linha durante a crise da Covid, devido aos empregos que ocupam (nos sectores hospitalar, da grande distribuição, da limpeza, da ajuda a domicílio, etc.), face ao confinamento instaurado em vários países, elas viram-se igualmente a braços com as dificuldades criadas pelo ensino à distância, fosse pela ausência ou falta de equipamento informático, fosse pela exiguidade das habitações...

Em vários países, nos últimos anos, as organizações do CORQI tomaram iniciativas para lutar contra esta dupla exploração específica e esta dupla opressão, respondendo, assim, às preocupações das mulheres trabalhadoras, nomeadamente por ocasião do 8 de Março no Paquistão, em França, nos Estados Unidos, em Itália... No México, a campanha contra os assassinatos de mulheres trabalhadoras está ligada à luta contra a exploração capitalista, que está na origem desta barbárie.

À luz destas realizações, as organizações do CORQI decidem atribuir a máxima importância a esta luta e reflectir em que iniciativas tomar, assim como sobre o lançamento de uma campanha de conjunto, ao nível internacional, em direcção às mulheres trabalhadoras.

Do mesmo modo, as organiza-

ções do CORQI dão toda a atenção à jovem geração. É significativo que ela tenha figurado na primeira linha das lutas de classes e revoltas populares do último período, pois é ela que é mais duramente flagelada pela barbárie capitalista. Da revolta dos estudantes liceais chilenos contra o aumento do preço dos bilhetes de metro ao lugar particular que ela desempenhou no Mali em Agosto, quando todas as forças políticas apelavam a uma trégua no enfrentamento com o regime de Ibrahim Boubacar Keita, das revoltas no Iraque às mobilizações de massas em Hong Kong, em moldes variados, há uma nova geração de combatentes que tempera as suas armas e a sua experiência no afrontamento com o regime capitalista, ao lado da classe operária e das suas organizações.

A 3ª conferência internacional do CORQI saúda a constituição da Aliança dos Jovens pelo Socialismo, que reuniu, em Agosto de 2019, na região de Paris, 61 jovens da Argélia, Azânia/África do Sul, da Bélgica, do Brasil, dos Estados Unidos, de França, de Marrocos, do México, da Palestina e da Rússia. Foi particularmente positivo ter-se reunido mensalmente o seu Comité de Ligação, em que participam jovens que não são necessariamente militantes do CORQI e que é um quadro de discussão e acção, de elaboração de comunicados, brochuras, artigos e campanhas internacionais permanentes.

Assim, apesar das múltiplas tentativas para desviá-la da luta pelo socialismo e para acantoná-la a questões específicas separadas do movimento da classe operária, a juventude resiste e luta. Ela afirma o seu direito ao futuro. Jovens de todo o mundo, juntem-se às fileiras do partido mundial da revolução socialista!

**23/ Determinados a reconstituir a IVª Internacional com base no seu programa histórico,** não ignoramos que a luta de classes, sendo internacional pelo seu conteúdo, permanece nacional na sua forma. Consideramos, todavia, que, em todos os países, é preciso

## MANIFESTO DE ALARME ●

avançar com a questão da luta por um governo dos trabalhadores das cidades e dos campos, perante a falência de todos os governos em exercício, impotentes para conter a pandemia, sejam eles governos capitalistas “clássicos” ou governos com participação, ou mesmo maioria, de velhos partidos com origem no movimento operário.

Com o Programa de Transição, afirmamos que “A tarefa central da IVª Internacional é libertar o proletariado da velha direcção, cujo conservadorismo se encontra em total contradição com a situação catastrófica do capitalismo em declínio e constitui o principal obstáculo ao seu progresso histórico. A acusação capital que a IVª Internacional lança às organizações tradicionais do proletariado é a de elas não se quererem separar do semi-cadáver político da burguesia”.

Com o Programa de Transição afirmamos que “A todos os partidos e organizações que se apoiam nos operários e camponeses e falam em seu nome, nós exigimos que rompam politicamente com a burguesia e enveredem pelo caminho da luta pelo governo operário e camponês.”

**24/ Na nossa declaração de 24 de Março, dissemos: “Que medidas à altura da situação, tomaria, pois, um governo preocupado em proteger a saúde da imensa maioria?”**

Tal governo poria sob o controlo do Estado todo o aparelho produtivo, orientando-o de imediato para a produção dos bens indispensáveis para jugular a epidemia: máscaras, testes de rastreio, produtos desinfectantes, medicamentos, etc. Organizaria o rastreio sistemático de toda a população. Para isso, não hesitaria em requisitar as grandes empresas, a começar pelos grupos farmacêuticos, e os activos dos bancos.

Tal governo reabriria de imediato todas as estruturas hospitalares encerradas, requisitaria a totalidade dos locais disponíveis para neles instalar, no mais breve prazo, as estruturas hospitalares e serviços de cuidados intensivos indispensáveis para responder às

necessidades. Tal governo iria buscar os milhares de milhões onde eles estão, garantindo os cuidados gratuitos para todos e o financiamento de todo o pessoal médico e os equipamentos necessários ao bom funcionamento dos hospitais.

Tal governo organizaria o isolamento sanitário de toda a população, obrigando, nomeadamente, as empresas a assegurarem o pagamento dos salários de todos os trabalhadores isolados. Nos países dominados, onde a imensa maioria da mão d'obra pertence ao “sector informal”, sem salário regulado nem direitos, tal governo garantiria a cada trabalhador um rendimento que lhe permitisse viver durante o isolamento sanitário. Tal governo organizaria a distribuição dos víveres e mantimentos necessários à população. Tal governo nacionalizaria ou renacionalizaria a investigação fundamental e afectaria às equipas científicas os meios necessários à pesquisa dos vírus emergentes e outras doenças. Tal governo procederia de imediato à requisição de edifícios de habitação, neles alojando todos os sem-abrigo e os precariamente alojados, para quem as anunciadas medidas de “isolamento sanitário” não querem dizer nada enquanto eles não tiverem alojamento.

Tal governo decretaria o fim imediato dos despejos, pronunciar-se-ia uma moratória sobre o pagamento de rendas e encargos e decidiria proibir de imediato os despedimentos. Tal governo decretaria o controlo dos preços de bens de primeira necessidade e medicamentos, sabendo que as grandes cadeias de distribuição e farmácia estão fazendo subir os preços por toda a parte a pretexto da pandemia e da crise económica.

Para tal efeito, tal governo requisitaria, designadamente, os orçamentos militares das grandes potências, que hoje continuam a financiar intervenções militares imperialistas contra os povos. E, mais geralmente, em qualquer país, reafectaria a totalidade das verbas do orçamento militar às necessidades dos hospitais.

Tal governo cessaria de imediato o pagamento da dívida, interna e externa. Confiscaria os milha-

res de milhões da especulação (em particular da especulação à baixa das próprias acções que os grandes grupos andam a fazer!), pondo-os ao serviço da saúde da imensa maioria.

Pois tal governo, que tais medidas tomasse, por necessárias à sobrevivência da população trabalhadora, medidas contraditórias com as exigências da classe capitalista, não hesitaria em romper com esta.

Pela nossa parte, aqueles que estamos organizados no CORQI, lutando pela reconstituição da IVª Internacional, pronunciamos-nos, em cada um dos nossos países, pela constituição de governos tais, exclusivamente ao serviço da imensa maioria, e apoiaremos todos e cada um dos passos em frente feitos pelas organizações operárias neste sentido. Governos que não hesitem em requisitar os grupos farmacêuticos, grandes empresas e os imensos activos dos bancos para financiar medidas de salvaguarda dos trabalhadores, dos camponeses e da juventude.”

**25/ Oito meses volvidos, nada temos a tirar a esta declaração.**

Temos hoje que lançar um grito de alarme. Durante oito meses, todos os governos, de “esquerda” como de direita, mostraram a sua impotência para debelar a epidemia. Em oito meses, tinham tempo de contratar médicos e pessoal de saúde e abrir mais camas de cuidados intensivos. Não só não o fizeram, como, em alguns países, continuaram a encerrar camas, serviços e mesmo hospitais inteiros.

Tiveram oito meses para construir escolas, criar salas de aula, contratar mais professores de modo a diminuir o tamanho das turmas. Nada disso fizeram. Enquanto os governos e seus especialistas pregam no dia a dia a responsabilidade pessoal de cada um, autocarros, comboios e metros circulam a abarrotar de gente impossibilitada de respeitar a distância sanitária.

Oito meses passaram da primeira aparição da epidemia sem que se tenha previsto ter mais autocarros e metros, sem se recrutarem massivamente motoris-

## ● MANIFESTO DE ALARME

>>> tas e técnicos para se poder usar os recursos existentes e aumentar as cadências.

A conclusão é clara: assentando o princípio do capitalismo no lucro, não é ele que vai poder proteger da pandemia os homens e mulheres, mormente os trabalhadores e famílias. O que caracteriza as medidas de todos os governos é a repressão da maioria. A pandemia serve de pretexto para se tomarem medidas contra os trabalhadores e os direitos que os protegem, como as oito horas de trabalho, o direito de greve, as garantias contra o despedimento, para atentar contra o que os jovens davam por adquirido, o direito à instrução e ao trabalho, a

livre expressão, o direito de manifestação e organização.

Os mais elementares direitos, como a saúde, só se conseguem defender correndo com os governos burgueses. Só governos dos trabalhadores, da maioria da população, podem defender os interesses da maioria. Para isso é precisa a unidade dos trabalhadores e das suas organizações. Os militantes da IVª Internacional comprometem-se a intervir, em todo o lado, pela unidade dos trabalhadores e das suas organizações pelas reivindicações urgentes.

As ruas de todas as cidades dos Estados Unidos ressoaram com a palavra de ordem “Black Lives Matter”: a vida dos negros

conta. Sim, a vida dos negros, a vida dos trabalhadores, a vida dos jovens e dos povos oprimidos do mundo inteiro conta. Para que conte, porém, é preciso que se consiga livrar da exploração capitalista.

**Trabalhadores, jovens, mulheres trabalhadoras, para libertar a humanidade das cadeias da exploração e da opressão, para esmagar a barbárie medonha que um capitalismo nas últimas nos oferece como único futuro, juntai-vos à luta pelo socialismo libertador, juntai-vos à luta pela IVª Internacional!**

### Aprovaram este manifesto:

**Afeganistão:** Delegação dos militantes afegãos do CORQI

**Alemanha:** Julius Monath, Günter Rex e Max Schumacher, membros da secção alemã do CORQI

**Argélia:** Comité de Organização dos Socialistas Internacionais da Argélia (COSI)

**Azânia/África do Sul:** Secção azaniana da IVª Internacional (AS-FI)

**Bangladeche:** Secção do Bangladeche da IVª Internacional

**Bélgica:** Organização Socialista Internacionalista (OSI), secção belga do CORQI

**Benim:** Comité de Ligação dos Trotskistas do Benim (CLTB)

**Brasil:** Organização Comunista Internacionalista (CORQI)

**Burundi:** Secção do Burundi da IVª Internacional

**Canadá:** Comité Ligação dos Trotskistas do Canadá (CLTC)

**China:** Convidado da China

**Coreia:** Delegação coreana à 3ª Conferência internacional do CORQI, Sikhwa Jung, militante coreano

**Costa do Marfim:** Prof. Ouattara Mamadou, Vice-Presidente do Comité de Pilotagem da Reunificação das Fracções do Sindicato do Ensino Superior da Costa do Marfim (CNEC)

**Estados Unidos:** *Socialist Organizer*

**França:** Tendência Comunista Internacionalista, secção francesa da IVª Internacional

**Grã-Bretanha:** Partidários britânicos do CORQI

**Grécia:** Andreas Guhl, editor de *Ergatika Nea*

**Haiti:** Berthony Dupont, *Haiti Liberté*

**Hungria:** Partidários da IVª Internacional

**Índia:** Grupo *Spark*

**Itália:** Dario Granaglia, Monica Grilli e Lorenzo Varaldo, pela Organização Socialista Internacionalista (OSI-CORQI)

**Marrocos:** Grupo dos partidários marroquinos do CORQI

**México:** Liga Comunista Internacionalista (LCI-CORQI)

**Palestina:** Convidado da Palestina

**Paquistão:** Secção paquistanesa da IVª Internacional

**Peru:** Grupo Socialista Internacionalista (GSI)

**Portugal:** Grupo *A Internacional*

**Roménia:** Grupo Trotskista Romeno e simpatizantes

**Rússia:** Grupo dos partidários do CORQI na Rússia

**Senegal:** Grupo Senegalês de Estudos Revolucionários (GSER)

**Sérvia:** Jacim Milunovic, militante operário

**Suíça:** Pela delegação suíça, Wolfgang Eichenberger

**Togo:** Lawson Drackey Messan, militante da Quarta Internacional (CORQI)

**Tunísia:** L., militante tunisino

**Turquia:** *Sosyalizm*

**Zimbabwe:** *Chimurenga Vanguard* (CORQI)



200º aniversário do nascimento de Friedrich Engels (1820-1895)

## A Luta pelo “Partido Autónomo” do Proletariado, pelo “Partido de Classe Consciente de Si”

Por Max Schumacher

No dia 28 de Novembro de 1820, nascia Friedrich Engels em Barmen (hoje um bairro da cidade de Wuppertal). Morrerá a 5 de Agosto de 1895 em Londres, há 125 anos. Estes números redondos são o ensejo de múltiplas “homenagens” a este grande revolucionário, cujo nome é quase sempre pronunciado num mesmo fôlego com o de Karl Marx. Obra e acção de ambos entrelaçam-se estreitamente. Marx e Engels defenderam sempre uma posição clara na questão do partido e da sua construção, que para nós, militantes da IVª Internacional, mantém a validade. Ou não tivesse a política de reafirmação da construção do partido como condição para uma intervenção independente na luta de classes estado no centro dos “conflitos” de 2015, que importaram na cisão.

**N**UMA CARTA ao social-democrata dinamarquês Gerson Georg Trier, datada de 18 de Dezembro de 1889, Engels escreveu: “Para que, no dia da decisão, o proletariado tenha força suficiente para vencer, é necessário — conforme Marx e eu temos defendido desde 1847 — que ele forme um partido específico, separado de todos os outros e a eles oposto, um partido de classe consciente de o ser.” (MEW tomo 37, p. 326).

E, depois de apontar que esse partido “pode usar outros partidos para os seus fins”, Engels traça uma linha de fronteira clara. A de “isso não pôr em causa o carácter de classe proletário do partido. Para mim, essa é a linha de demarcação absoluta. Encontra esta política já desenvolvida no “Manifesto Comunista”, seguimo-la em 1848, na Internacional, em toda a parte.” (ibidem, p. 327).

Para nós, enquanto militantes do CORQI, as palavras de Engels a Trier revestem, fazendo a retrospectiva do método dos liquidacionistas, um significado especial: “É inerente à vida e à prosperidade de qualquer partido desenvolverem-se e lutarem no seu seio orientações mais moderadas e mais extremas, e expulsar sem contemplações as mais extremas só propiciará o seu crescimento. A base do movimento operário é a mais acerada crítica da sociedade existente, a crítica é o seu elemento vital, como poderia ele subtrair-se ele própria à crítica,

proibir o debate? Andamos então a reclamar a outros a livre expressão só para voltar a suprimi-la nas nossas próprias fileiras?” (idem)

A isto, nada a acrescentar.

Desde 1847 que, como escreve Engels, ele e Marx travaram a batalha decidida pela construção do partido. E não menos decididamente travaram, do mesmo passo, a batalha contra que o carácter de classe proletário do partido fosse comprometido. Muitíssimo haveria a desenvolver só sobre este ponto. Nesta edição d’A Internacional queremos elucidar apenas, sumariamente, duas etapas: a fundação e labor da Iª Internacional e da IIª Internacional.

### A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) — Iª Internacional

A AIT une as organizações “que têm o mesmo fim, o da protecção, progresso e completa emancipação da classe operária.”

No dia 1 de Julho de 1864, Friedrich Engels passa a ser sócio da fiação Ermen & Engels (Friedrich Engels era filho do fabricante de algodão Friedrich Engels). É óbvio que, em tal função, não podia ser dirigente “oficial” da Internacional. Até 1870, viveu em Manchester. Marx vivia em Londres. Isso não os impediu de manter correspondência permanente. A AIT, a Iª Internacional, foi fundada em 29 de Setembro de 1864. Numa carta datada de 4 de

## ● HISTÓRIA

&gt;&gt;&gt;



Novembro de 1864, Marx escrevia a Engels: “*Odger (sapateiro, presidente da união sindical local da Federação dos Sindicatos de Londres e, no caso especial dele, também da Trades’ Unions Suffrage Agitation Society [sociedade de agitação dos sindicatos, pelo sufrágio], ligada ao Bright) e Cramer, pedreiro e secretário do sindicato dos pedreiros, convocaram um public meeting no St. Martin’s Hall para o dia 28 de Setembro de 64. Estes dois tinham organizado, sob a égide do Bright, o grande comício sindical em St. James’ Hall pela América do Norte, assim como as manifestações pró-Garibaldi. Mandaram vir ter comigo um tal sr. Le Lubez, para saber se eu iria participar*

*pour les ouvriers allemands (“pelos operários alemães”, em francês no texto), especificamente se queria arranjar um operário alemão para orador no comício, etc. Arranjei o Eccarius, que lá se desarrincou formidavelmente, e eu lá fiz de assistente mudo no estrado. Eu sabia que, desta vez, iam figurar verdadeiros “potentados” tanto do lado de Londres como do de Paris e, por isso, resolvi afastar-me da minha regra básica de decline any such invitations (“recusar este género de convites”, em inglês no texto), (...)*

*No comício, que estava a deitar pelas costuras (pois there is now evidently a revival of the working classes taking place (“neste momento as classes trabalhadoras*

*estão a viver um renascimento óbvio”, em inglês no texto)), (...)* decidiu-se criar uma “*Workingmen’s International Association*” (Associação Internacional dos Trabalhadores”, em inglês no texto), cujo *General Council* (“Conselho Geral”, em inglês no texto) ficaria em Londres e serviria de “mediador” entre as sociedades operárias da Alemanha, Itália, França e Inglaterra. Do mesmo modo, ia-se convocar um *Workingmen’s Congress* (“Congresso Operário”, em inglês no texto) geral para a Bélgica em 1865. No comício nomeou-se um *Provisional Committee* (“Comité Provisório”, em inglês no texto), o Odger, o Cramer e muitos outros, alguns deles velhos cartistas, velhos owenistas, etc. (correntes pré-marxistas do movimento operário inglês - NdT), pela Inglaterra, o major Wolff, Fontana e outros italianos pela Itália, Le Lubez etc. pela França, o Eccarius e eu pela Alemanha. O Comité ficou autorizado a chamar quanta gente entendesse. So far so good (“Tudo a correr bem”, em inglês no texto).” Marx delineia seguidamente os vários projectos de “Declaração de Princípios e Estatutos Provisórios”. Antes da reunião do Conselho Geral, Eccarius escreveu a Marx que ia haver problemas. Marx ficou “*realmente assustado*” com os textos apresentados. “*Fiz oposição suave e, depois de muita conversa, o Eccarius propôs que o sub-comité voltasse a submeter a coisa à sua “redacção.”*” Marx estava firmemente determinado a “*não deixar intacta nem one single line*” (“uma só linha”, em inglês no texto) daquilo. (...) *Percebi que não ia haver maneira de tirar nada de jeito daquilo.*” Marx emendou a fundo. “*Na reunião do Comité Geral, a minha “comunicação” [An Address to the Working Classes (Comunicação às Classes Trabalhadoras); “Comunicação inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores”] etc. foi aprovada com grande entusiasmo (unanimously (“por unanimidade”, em inglês no texto)). (...)* Foi difícil pôr a coisa de maneira que a nossa posição aparecesse em moldes que a tornassem acceptable (“aceitável”, em inglês no

texto) para o ponto de vista actual do movimento operário. (...) Vai ser preciso tempo para o movimento, que volta a despertar, permitir a velha audácia de linguagem.” (MEW T. 31, p. 12-16).

Engels respondeu na volta do correio, no dia 7 de Novembro de 1864: “estou cheio de vontade de ver a comunicação aos trabalhadores, tem de ser uma obra de arte depois do que me escreveste dessa gente. Mas é bom voltarmos a estar ligados a gente que, pelo menos, representa a sua classe, no fim de contas é o mais importante. (...) Aliás, palpita-me que esta nova associação se vai rapidamente cindir entre os elementos teoricamente burgueses e teoricamente proletários, assim que as coisas começarem a ficar mais bem definidas.” (MEW T. 31, p. 17)

Na comunicação inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx faz o balanço das lutas que tinham ocorrido. Contra a miséria da classe operária e a exploração, era preciso o partido e conquistar o poder político: “Agora, o grande dever das classes operárias passa, assim, a ser conquistar o poder político. Elas parecem tê-lo compreendido, pois assiste-se a um renascimento simultâneo em Inglaterra, França, Alemanha e Itália, do mesmo passo que se fazem tentativas de reorganizar o partido operário. (...) A experiência passada tem mostrado como, em desprezando o laço de fraternidade que une os operários dos vários países e os devia instigar a cerrar fileiras em todas as suas lutas pela emancipação, se paga invariavelmente com o falhanço comum de tentativas descoordenadas. Foi esta consciência que incentivou os trabalhadores de vários países, reunidos no dia 28 de Setembro de 1864 no comício público de St. Martin's Hall, em Londres, a fundar a Associação Internacional.” Além disso, “houve outra convicção que deu asas ao comício”: a luta contra a guerra, à qual se viria depois a contrapor a proclamação “proletários de todos os

países, uni-vos!”. (MEW T. 16, p. 12/13) O Manifesto do Partido Comunista é igualmente o nexo directo para a Iª Internacional — embora se tivesse que renunciar à “velha audácia de linguagem”. As ideias fundamentais do Manifesto reaparecem nos “Estatutos Provisórios”. Neles, Marx fixa os objectivos de combate: “que a emancipação da classe operária tem de ser conquistada pela própria classe operária; que a luta pela emancipação da classe operária não é uma luta por privilégios de classe e monopólios, mas pela igualdade de direitos e deveres e pela extinção de todo o domínio de classe; que a sujeição económica do trabalhador ao apropriador dos meios de trabalho, portanto das fontes de vida, subjaz à servidão em todas as suas formas, a toda a miséria social, ao definhamento espiritual e à dependência política; que a emancipação económica da classe operária é, por conseguinte, o objectivo final, ao qual se há-de subordinar, como seu meio, qualquer movimento político; que todas as tentativas com este objectivo até hoje feitas falharam por falta de unidade entre os vários sectores do trabalho em cada país e pela inexistência de união fraterna das classes operárias dos vários países;” (MEW T. 16, p. 14)

Dada a sua situação em Manchester, Engels não podia ser membro do Conselho Geral. Só depois de 1869, quando pôde deixar a sociedade que tinha em Manchester, pôde mergulhar no trabalho da Internacional, eleito membro do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores em 4 de Outubro de 1870 e secretário para a Bélgica, a Itália, Espanha, Portugal e a Dinamarca. O que mais o ocupou foi a revolução operária de Paris. Em poucos dias, o Conselho Geral transformou-se em estado-maior de apoio à Comuna. Em 18 de Março de 1871, a bandeira vermelha era desfraldada em Paris. No entanto, Marx e Engels viram logo de início como falha decisiva a falta de um partido operário re-

volucionário, a posição minoritária — relativamente a blanquistas e proudhonistas — dos representantes comunistas no Conselho da Comuna. A Comuna confirmara na prática a posição que Marx e Engels já haviam formulado em 1848: após a conquista do poder, o proletariado não se pode limitar a “herdar” o aparelho de Estado burguês, tem antes de construir o seu próprio aparelho de Estado.

As classes dominantes de todos os países uniram-se na luta contra o movimento operário revolucionário, organizando perseguições massivas. Ante tais desenvolvimentos, os dirigentes dos Trade Unions britânicos passaram-se para o lado da burguesia, e os bakuninistas (Bakunine era o principal dirigente anarquista — NdR) reforçaram os seus ataques contra a Internacional, ligados à sua posição de rejeição de todo o poder de Estado, inclusive do que o proletariado construísse, culminando numa posição de não construção de partidos. Engels deu-lhes resposta no discurso que proferiu durante a conferência de Londres (17 a 23 de Setembro de 1871) “Da acção política da classe operária” [plano da intervenção na sessão de 21 de Setembro da conferência], referindo que o partido operário existe e quer actuar como partido político e que a revolução é o acto supremo da política, tendo “quem a queira de querer também o meio — a acção política que prepara a revolução, que educa os trabalhadores para a revolução e sem a qual os trabalhadores no dia seguinte à luta se verão sempre... logrados. Mas a política que importa tem de ser política proletária; o partido operário não se pode considerar como cauda seja de que partido burguês for, tem, sim, de se constituir como partido independente com o seu próprio objectivo e a sua própria política.” (MEW T. 16, p. 416).

No Congresso da Haia de 1872, dá-se a cisão. A Iª Internacional não conseguiu resolver o problema das duas posições conflituosas: por um lado, a defesa



## ● HISTÓRIA

&gt;&gt;&gt;

da autonomia das secções, por outro a centralização e organização necessárias para enfrentar o perigo de erosão criado por correntes em movimento divergente. A heterogeneidade das associações e organizações que formavam a Internacional pedia, na opinião de Marx e Engels, centralização. Com proudhonistas, lassallianos, bakuninistas, etc. e revolucionários numa mesma organização, estando a questão em afirmar uma política proletária e criar organizações que não fossem meramente a reboque “*seja de que partido burguês for*”, tornava-se iniludível um processo de decantação.

Quando Marx e Engels tentavam impor às forças divergentes o objectivo da unidade da Internacional, deu-se, no Congresso da Haia, em de Setembro de 1872, uma primeira cisão entre revolucionários e anarquistas.

A avaliação que Engels fizera no ano de 1864 confirmava-se.

Os “Estatutos Gerais”, revistos em Londres, atestam a luta pela unidade. Na continuidade, nomeadamente, de 1864, eles rezam assim: “*Fundou-se a actual Associação para estabelecer um ponto central de ligação e cooperação planeada entre as sociedades operárias existentes em vários países que têm o mesmo objectivo, a saber: a protecção, progresso e emancipação completa da classe operária. (...) Dado que, por um lado, só pelo poder da união e conjugação se conseguirá que o movimento operário seja bem sucedido em cada país e, por outro, a eficácia do Conselho Geral da Internacional é fundamentalmente condicionada a ele só negociar com um pequeno número de centros das sociedades operárias e não com um grande número de sociedades locais pequenas e descoordenadas, os membros da Associação Internacional terão de pôr todos os seus esforços em unificar as sociedades operárias dispersas dos respectivos países em corpos nacionais, representados por órgãos centrais nacionais.*” (MEW T. 17,

p. 441 ssg.)

Os membros da AIT deviam pôr todos os seus esforços na unificação.

Contudo, conforme Engels demonstra no seu “Relatório sobre a Aliança da Democracia Socialista, apresentado ao Congresso da Haia em nome do Conselho Geral”, desde 1868 que a AIT estava exposta a uma manobra de cisão da organização criada por Bakunine, “*que reivindica funcionar ao mesmo tempo fora e dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores*”. “*Compondo-se embora de membros desta última, que reivindicavam o direito a participar em todas as reuniões da Internacional, reservava-se, porém, o direito de manter os seus grupos locais, as suas federações nacionais, os seus congressos especiais paralelos aos da Internacional. A Aliança reclamou, deste modo, desde o início, formar uma espécie de aristocracia no meio da nossa Associação, um corpo de elite com um programa próprio e privilégios especiais.*” (MEW T. 18, p. 138)

Engels demonstrou que a “Aliança” nunca se dissolvera — apesar das palavras de honra solenes —, antes “*sempre existira e existia na forma de sociedade secreta, servindo-se desta organização escondida para continuar a demanda do seu objectivo de domínio original.*” (idem)

E em “*O Conselho Geral a todos os Membros da Associação Internacional dos Trabalhadores*”, Friedrich Engels escreve: “*O Conselho Geral vê-se obrigado a denunciar publicamente a existência de intrigas na Internacional, as quais, embora tenham vindo a ser tecidas há vários anos, a maior parte de vós nem imaginava. Na nossa circular confidencial de 5 de Março de 1872 sobre “As pretensas cisões na Internacional”, fomos obrigados a chamar a vossa atenção para as actividades sectárias da chamada Aliança da Democracia Socialista, actividades prosseguidas com o objectivo de semear a discórdia nas nossas fileiras e pôr*

*sub-repticiamente a direcção máxima da nossa associação nas mãos de uma pequena clique dirigida por Mikhail Bakunine.*” (MEW T. 18, p. 116)

Os nomes mudam, os métodos não, como sabemos da nossa história.

Balanço de Engels: “*Pela primeira vez na história das lutas da classe operária, debatemo-nos com uma conspiração secreta, ateadada no seio da própria classe e cuja finalidade não é minar o regime de exploração vigente, mas justamente a Associação, que ela combate com toda a energia. É uma conspiração que se dirige contra o próprio movimento proletário.*” (ibidem, p. 120).

As decisões da Iª Internacional continuam ainda hoje, todavia, a ter vasto alcance e a representar objectivos de luta. Por exemplo a decisão da conferência de Londres sobre a formação de secções femininas: “*A conferência recomenda a criação de secções femininas das sociedades operárias. Esta decisão não vai obviamente de encontro a que as secções das sociedades possam ser compostas por operários e operárias.*” (MEW T. 17, p. 419)

Em 1876, a AIT foi oficialmente dissolvida. A “*ressurreição da Internacional*” era, porém, necessária para Marx e Engels. Em 27 de Setembro de 1873, Marx escreveu a Sorge: “*Os acontecimentos e o desenvolvimento e entrelaçamento inevitável das coisas vão-se encarrregar por si mesmos da ressurreição da Internacional em melhores condições*” (MEW, T. 33, p. 606).

Um ano mais tarde, Engels escreveu a Sorge sobre o facto de, com o congresso da Haia, a Iª Internacional estar acabada e, do mesmo passo, sobre a próxima Internacional: “*A Internacional dominou dez anos de história europeia num certo sentido — o sentido a que pertence o futuro — e tem razões para olhar com orgulho para o trabalho feito. Na sua antiga forma, porém, está ultrapassada.*(...)

*Creio que a próxima Internacional será directamente comunista — depois de os escritos de Marx terem produzido o seu efeito durante alguns anos — e arvorará os nossos princípios literalmente.” (ibidem, p. 642)*



### A fundação da IIª Internacional

*“No entanto, depois da dissolução da “Associação Internacional dos Trabalhadores” nos anos setenta, Marx e Engels não pararam de actuar como unificadores da classe operária. Pode-se até dizer que a sua importância como dirigentes espirituais do movimento operário foi aumentando, até porque o próprio movimento crescia ininterruptamente. Depois da morte de Marx, foi Engels que, sozinho, continuou a agir como conselheiro e guia dos socialistas europeus. Tanto os socialistas alemães, cuja força aumentou rápida e incessantemente apesar das perseguições governamentais, como os representantes de países atrasados, por exemplo espanhóis, romenos, russos, que tiveram de reflectir e ponderar os seus primeiros passos, se dirigiram a ele para conselho e instrução. Todos beberam no farto tesouro de*

*conhecimento e experiência do velho Engels.” (V. I Lenine, Friedrich Engels, LW T 2, p. 12/13)*

Na Iª Internacional, Marx e Engels exerciam funções no Conselho Geral. Agora, nas vésperas da fundação da IIª Internacional, o trabalho de ligação entre os vários partidos socialistas e social-democratas passou a recair unicamente em Engels, após a morte de Karl Marx em 14 de Março de 1883. No final dos anos oitenta, existiam partidos operários em muitos países, por exemplo na Bélgica, na Alemanha, em França, em Itália, nos países escandinavos, etc., ou grupos marxistas, como no caso da Rússia. Precedera-o, no início dos anos oitenta, um surto do movimento operário para o qual Engels contribuiu muito com os seus escritos e o seu trabalho político prático. Pode aferir-se isso por um escrito desse tempo e pela sua versão condensada: Engels escrevera em 1878 o *Anti-Dühring*, “a melhor introdução ao estudo d’O Capital”, como escreveu D. Ryazanov. “Para a divulgação do marxismo, nenhum outro livro, além d’O Capital, teve tão grande importância como o *Anti-Dühring*.” (Marx e Engels, p. 147).

Quando principiou a publicação de várias séries de artigos no “Vorwärts” (órgão central do Partido Social-Democrata Alemão, algumas figuras do Partido Social-Democrata alemão, o partido de Engels, NdT), nomeadamente Bernstein, futura “cabeça” do revisionismo, atacaram fortemente Engels por causa da sua crítica demolidora das posições de Dühring. A ameaça da adopção de resoluções com o objectivo de proibir a continuação da publicação esteve para provocar um escândalo, que só pôde ser evitado através de um compromisso, que consistiu em se publicar o que faltava num suplemento do órgão central.

No verão de 1880, Engels reviu o *Anti-Dühring*, que fora publicado em Paris com o título “*Socialisme utopique et socialisme scientifique*”. No prefácio, Marx explica: “Na presente brochura, apresentamos os excertos mais marcantes da parte teórica deste livro, que representam uma espécie de introdução ao socialismo científico.”

“Do *Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*” teve divulgação comparável à do *Manifesto Comunista*.

Nenhum deles perdeu actualidade. Ao convocarmos a 3ª Conferência do CORQI, pomos na ordem do dia a reestruturação dos fundamentos da economia em função das necessidades da humanidade.

Engels formula assim, na sua obra:

*“Com a apropriação dos meios de produção pela sociedade, elimina-se a produção de mercadorias e, com ela, o domínio do produto sobre o produtor. A anarquia na produção social é substituída pela organização consciente, segundo um plano. Cessa a luta pela existência individual. Só quando der esse passo deixa o homem, em certo sentido, de fazer parte do reino animal, passa de condições de existência animais para condições verdadeiramente humanas. O círculo das condições de vida que rodeia o homem e o tem dominado passa a estar sob o domínio e o controlo dos homens, que passam pela primeira vez a ser os senhores autênticos e conscientes da natureza, porque passam, e na medida em que passam, a ser senhores da sua própria socialização. As leis da sua prática social, que se lhes opunham como leis naturais estranhas que os dominavam, passam a ser aplicadas pelos homens com pleno conhecimento de causa e, portanto, a ser por eles dominadas. A socialização dos homens por si próprios, que antes se lhes opunha como imposição da natureza e da história, passa a ser seu acto livre. As forças objectivas, es-*

## ● HISTÓRIA

&gt;&gt;&gt;

*tranhas, que antes dominavam a história, passam a estar sob o controlo dos próprios homens. Só então serão os homens a fazer a sua própria história em plena consciência, só então as causas sociais por eles postas em marcha passarão realmente a ter essencialmente, e cada vez mais, os efeitos por eles pretendidos. É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade.”* (MEW T. 19, p. 226).

A resolução adoptada pelos sociais-democratas alemães em 1887, reclamando a convocação, em conjunto com as organizações de outros países, de um congresso operário internacional para o Outono de 1888, respondia ao fortalecimento do movimento operário. As actividades ligadas à realização desta decisão arrastaram-se. Engels advertiu a direcção do partido alemão da necessidade de preparar exaustivamente um congresso internacional, se se quisesse que a estrutura internacional fosse bem sucedida — e se demarcasse das correntes oportunistas, que estavam longe de estarem inactivas. A responsabilidade, mormente no sentido da unificação dos trabalhos com aquele objectivo, recaía nos camaradas alemães e franceses, que teriam de fazer figura de iniciadores do congresso.

Engels pressionou, por exemplo, Paul Lafargue: *“Anunciem o vosso congresso, façam um bocado de barulho na imprensa socialista de todos os países para os outros perceberem que vocês ainda andam por aí.”* (MEW T. 37, p. 124).

A pressão de Engels tinha uma razão importante. Voltava a mostrar-se o *“velho fosso no meio da Internacional”*, como escrevia a F. A. Sorge em Julho de 1889: *“Os adversários são os mesmos, com a bandeira anarquista trocada pela possibilista: vender os princípios à burguesia em troca de concessões de pormenor e, especificamente, de lugares bem pagos para os dirigentes.”* (MEW T. 37, p. 231; possibilistas era uma corrente

oportunista e reformista em França). No dia 14 de Julho de 1889, 407 delegados de 22 países reuniram-se na Salle Petrelle, ataviada de cartazes com os dizeres *“Proletários de todos os países, uni-vos!”* e *“Expropriação política e económica da classe capitalista, socialização dos meios de produção!”*. Para Engels, o congresso fora *“um êxito brilhante”*. Se bem que o congresso de Paris não tivesse adoptado uma decisão formal de constituir a IIª Internacional (só no curso de congressos ulteriores se viria a fundar o secretariado internacional permanente), ele constituiu, na prática, o momento da fundação da IIª Internacional, reatando com a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Iª Internacional.

A fundação da IIª Internacional abrangeu vários agrupamentos, organizações revolucionárias, partidos socialistas de massas, clubes operários, sindicatos. Os partidos socialistas de massas vêm, ao iniciar-se o século XX, a ser o elemento central do movimento operário e da Internacional. O desenvolvimento da IIª Internacional não ficou, porém, resolvido com a sua fundação. Em 1916, Lenine escreveu n.º *“O Oportunismo e o Colapso da Iª Internacional”*:

*“A luta entre as duas tendências de fundo no movimento operário, o socialismo revolucionário e o socialismo oportunista, preenche a totalidade do período que medeia entre 1889 e 1914. Também hoje se manifestam, em todos os países, duas orientações principais na questão da posição sobre a guerra.”* (LW T. 22, p. 112)

A IIª Internacional, que se foi vendo cada vez mais confrontada com a integração das fracções nos diferentes parlamentos burgueses sob a influência dos oportunistas, acabaria por se rachar em 1914, quando socialistas alemães e franceses aprovaram os orçamentos de guerra. Lenine caracteriza os oportunistas como *“aristocracia operária”*, dirigentes dotados de privilégios e, desse

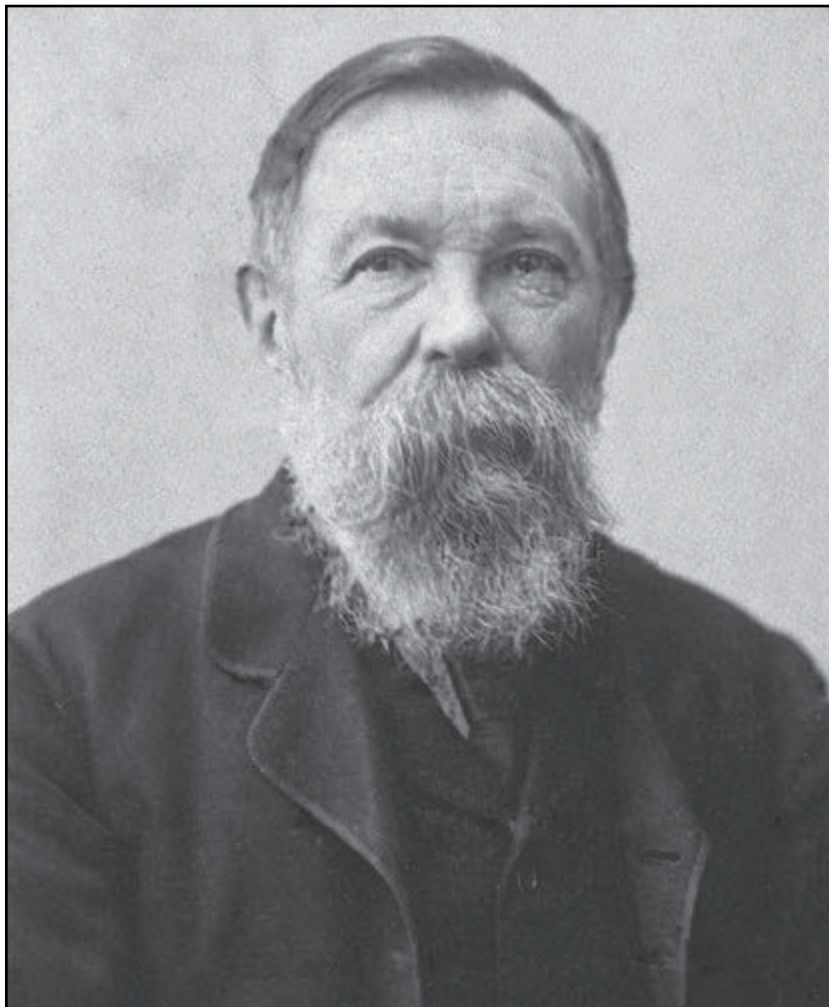
modo, corrompidos pela classe dominante. A ruptura, o *“velho fosso”* da carta de Engels a Sorge (veja-se mais acima), já antes era, porém, manifesta, e não só na questão da guerra. Por exemplo, em 1905: no decurso da revolução russa desenvolveram-se os conselhos operários e a greve política de massas como método de luta. Para as forças integradas na vida parlamentar burguesa, assim como para as direcções sindicais, que insistiam exclusivamente no melhoramento gradual da situação dos trabalhadores no âmbito do sistema capitalista e (Engels a Sorge, veja-se acima) se tinham entregado de corpo e alma à *“venda dos princípios à burguesia em troca de concessões de pormenor e, especificamente, de lugares bem pagos para os dirigentes”* e, nesse sentido, já procuravam praticar o que em 1914 se viria a chamar *“união sagrada”*, os conselhos e a greve política de massas eram inaceitáveis. A social-democracia alemã tentou o impossível no congresso de Mannheim de 1906, sob a direcção de Bebel pelo partido e de Legien pelos sindicatos: em 1905, no congresso de Jena, o partido tinha declarado que a greve de massas era um dos meios de acção mais eficazes da classe operária, circunscrevendo-o, no entanto, à defesa do direito de voto e de associação. Em 1906, em Mannheim, Legien chamou à greve geral *“disparate geral”*. O 5º Congresso dos Sindicatos Alemães, em 1905, em Colónia, recusara discutir sequer a greve de massas. Resolveu-se, então, que as duas resoluções não eram contraditórias. Rosa Luxemburgo deu claramente de barato que *“(teremos) simplesmente de contar com a inevitável resistência desta gente, se quisermos continuar a dirigir as massas. (...) A nossa tarefa passa a ser a de opor ao enferrujamento destas autoridades o protesto mais rude possível, sabendo que, tal como as coisas estão, teremos contra nós tanto os oportunistas como a direcção*



e o August [Bebel].” (cit. por Paul Fröhlich: Rosa Luxemburgo, p. 166)

A “união sagrada”, de que hoje vivemos em todo o mundo uma variante praticada pelos descendentes dos oportunistas ante a crise massiva do sistema capitalista (“crise da Covid-19”) e os golpes deste contra as conquistas da classe operária, importou no colapso definitivo da IIª Internacional e na luta pela IIIª Internacional. O primeiro passo desta foi a conferência de Zimmerwald, de 5 a 8 de Setembro. Foi a primeira conferência socialista internacional contra a guerra mundial, com 38 delegados de 11 países, que declararam no Manifesto de Zimmerwald, redigido por Leão Trotsky: “Nesta situação intolerável, nós, representantes dos partidos e sindicatos socialistas e respectivas minorias, (...) reunimo-nos para reatar os laços rotos das relações internacionais.”

A evolução entre 1889 e 1914 nada muda à observação de Engels de que a conferência inaugurada no centenário da revolução francesa fora um “brilhante êxito”. Do mesmo modo que fora tarefa da Iª Internacional reunir as várias forças do movimento operário com base no socialismo revolucionário e criar partidos do proletariado ao nível nacional, a IIª Internacional orientou-se para o desenvolvimento de partidos de massas do proletariado. As suas reivindicações e objectivos programáticos representavam a continuidade da Iª Internacional, que se desenvolvera na dura confrontação com correntes anarquistas e reformistas. A IIª Internacional reatava com o fim da Iª, em 1872. Reatava com a posição de “que a emancipação do trabalho e da humanidade só pode advir do proletariado organizado como classe e à escala internacional, conquistando o poder político para levar a cabo a expropriação do capitalismo e a apropriação



social dos meios de produção”. (acta do congresso operário internacional de Paris. p. 121)

Estribada no Programa de Transição, a IVª Internacional tem os seus alicerces na conquista que foi a Iª Internacional. Inscreve-se na continuidade da IIª Internacional e dos quatro primeiros congressos da IIIª Internacional, das suas conquistas históricas e experiências e contra oportunistas e estalinistas que, respectivamente em 1914 e em 1933, passaram para o lado da defesa da sociedade burguesa.

Em 1922, cinco anos após a Revolução de Outubro e sob a impressão por ela causada, David Ryazanov escreveu, no final da sua nona (e última) exposição enquadrada na série “Marx e En-

gels” para os trabalhadores russos: “Os dois amigos deixaram-nos um monumento mais duro do que nenhum granito, mais impressionante do que nenhum epitáfio: o movimento comunista internacional do proletariado, que marcha a passo firme, sob a bandeira do marxismo, do comunismo revolucionário, em direcção ao triunfo da revolução socialista mundial.”

O homem que dedicou as suas forças à edição da obra completa de Marx e Engels foi preso em 1931 e exilado para Saratov no mesmo ano. Foi de novo preso em 1937, condenado à morte e fuzilado no dia 21 de Janeiro de 1938, depois de processo secreto. ●

M. Schumacher

>>>

## ● HISTÓRIA

&gt;&gt;&gt;

### Registo breve dos nomes de militantes mencionados no texto

#### **Gerson Georg Trier**

(1851-1918): dinamarquês, professor e tradutor, dirigente da minoria revolucionária do Partido Social-Democrata dinamarquês; lutou contra a política reformista da ala oportunista do partido; traduziu obras de Engels para dinamarquês.

**George Odger** (1820-1877): sapateiro, um dos dirigentes reformistas dos sindicatos ingleses, co-fundador e, de 1862 à 1872, secretário do Conselho das Artes e Ofícios de Londres; membro do Conselho Geral da AIT (1864-1871) e presidente do mesmo Conselho (1864-1867); opôs-se à Comuna de Paris e à Comunicação do Conselho Geral "A Guerra Civil em França" em 1871, demitindo-se em consequência.

#### **William Randall Cremer**

(1838-1908): carpinteiro, um dos dirigentes dos sindicatos ingleses, partidário do movimento pacifista; fundador e dirigente da Federação Unida dos Carpinteiros, um dos fundadores e organizadores da reunião de fundação da AIT em 28 de Setembro de 1864 em St. Martin's Hall, membro do Conselho Central da AIT e seu secretário-geral (1864-1866), delegado à Conferência de Londres de 1865 e ao congresso de Genebra de 1866. Mais tarde membro do Partido Liberal.

**Victor-P. Le Lubez**, (1834-?): emigrante francês em Londres; esteve associado a elementos burgueses republicanos e radicais em França e Inglaterra; participou na assembleia de fundação da AIT em 28 de Setembro de 1864 em

St. Martin's Hall; membro do Conselho Central da AIT (1864-1866), secretário correspondente para França (1864/1865), delegado à Conferência de Londres de 1865; expulso do congresso de Genebra em 1866, e a seguir do Conselho Central por difamação.

**Giuseppe Fontana**, participante na revolução de 1848 em Itália, depois emigrante; um dos dirigentes da *Associazione di Mutuo Progresso*, organização de trabalhadores italianos em Londres; membro do Conselho Central da AIT (1864/1865), secretário correspondente para Itália.

#### **Johann Georg Eccarius**

(1818-1889): alfaiate turingio, lutou ao lado de Marx e Engels, membro da Liga dos Justos, da Liga dos Comunistas e da Autoridade Central da Federação a partir de 1847, um dos dirigentes da Associação Alemã de Educação dos Trabalhadores em Londres; usou da palavra na reunião de fundação da AIT de 28 de Março em Londres; membro do Conselho Geral da AIT (1864 a 1872), secretário-geral do Conselho (1867 a 1871), secretário correspondente para a América (1870-1872); delegado a todos os congressos e conferências da AIT até 1872; defendeu a linha de Marx até 1872, depois juntou-se aos dirigentes dos sindicatos ingleses.

#### **Mikhail Alexandrovitch**

**Bakunine** (1814-1876): revolucionário russo, mais tarde um dos principais representantes do anarquismo; participou na

revolução de 1848-1849 na Alemanha; influenciou ideologicamente o movimento popular na Rússia; membro da AIT, onde foi adversário feroz de Marx e Engels; expulso da AIT no Congresso da Haia em 1872 por actividade cisionista.

#### **Friedrich Adolph Sorge**

(1828-1906): amigo próximo e companheiro de Marx e Engels; participou na insurreição de 1849 no Baden-Palatinado, emigrou para os Estados Unidos em 1852; um dos fundadores do Clube Comunista de Nova Iorque (1857), da secção da AIT (1867), do Partido Social de Nova Iorque e arredores (1868), da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães em Nova Iorque (1869) e do Comité Central Norte-Americano da AIT (1870); delegado ao Congresso da Haia em 1872, secretário-geral do Conselho Geral depois da sua transferência para Nova Iorque (1872-1874); trabalhou para o movimento operário até ao fim da vida.

#### **Paul Lafargue**, (1842-1911):

médico, socialista francês; membro do Conselho Geral da AIT, secretário correspondente (1866-1868), um dos fundadores das secções da AIT em França (1869/1870), Espanha e Portugal (1871/1872), delegado ao Congresso da Haia em 1872; fundador do *Parti ouvrier français* com Jules Guesde; delegado a quase todos os congressos do *Parti ouvrier français* e da IIª Internacional; casado com a filha de Marx, Laura, desde 1868.

## A Internacional

Revista do CORQI (Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional)

### Assina!

Assino *A Internacional* - 6 números: 24 euros

Apelido, nome: .....

Endereço: .....

Endereço electrónico: .....

Cheques à ordem de 'Réveil ouvrier' - 67, avenue Faidherbe, 93100 Montreuil, França

## *A Internacional*

publica-se em versão alemã, árabe, espanhola, francesa, húngara, inglesa, italiana e portuguesa





